

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE CAXIAS – CESC
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E FILOSOFIA
CIÊNCIAS SOCIAIS LICENCIATURA

FRANCISCA KELLE DA CONCEIÇÃO MENDES

“A GENTE TRABALHANDO UNIDO É TÃO BOM. A GENTE UNIDA, DAVA FORÇA!”: o papel das emoções entre as quebradeiras de coco babaçu da comunidade Lagoa dos Pretos, em Caxias – MA

Caxias – MA

2026

FRANCISCA KELLE DA CONCEIÇÃO MENDES

“A GENTE TRABALHANDO UNIDO É TÃO BOM. A GENTE UNIDA, DAVA FORÇA!”: o papel das emoções entre as quebradeiras de coco babaçu da comunidade Lagoa dos Pretos, em Caxias – MA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Ciências Sociais.

Orientador (a): Prof. Me. Francisco Weriquis Silva Sales

Caxias – MA

2026

M538g Mendes, Francisca Kelle da Conceição

A gente trabalhando unido é tão bom. A gente unida, dava força!: o papel das emoções entre as quebradeiras de coco babaçu da comunidade Lagoa dos pretos, em Caxias-MA / Francisca Kelle da Conceição Mendes. __Caxias: Campus Caxias, 2026.

66f.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Maranhão – Campus Caxias, Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Me. Francisco Weriquis Silva Sales.

1. Quebradeiras de coco babaçu. 2. Emoções. 3. Trabalho. 4. Gênero. I. Título.

CDU 316.35.023.4:634.616

FRANCISCA KELLE DA CONCEIÇÃO MENDES

“A GENTE TRABALHANDO UNIDO É TÃO BOM. A GENTE UNIDA, DAVA FORÇA!”: o papel das emoções entre as quebradeiras de coco babaçu da comunidade Lagoa dos Pretos, em Caxias – MA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Ciências Sociais.

Orientador (a): Prof. Me. Francisco Weriquis Silva Sales

Aprovada em: 07 de julho de 2026

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 FRANCISCO WERQUIIS SILVA SALES
Data: 12/08/2026 10:43:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Francisco Weriquis Silva Sales – Orientador
Mestre em Sociologia – Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Documento assinado digitalmente
 AMALLE CATARINA RIBEIRO PEREIRA
Data: 06/08/2026 11:44:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Amalle Catarina Ribeiro Pereira – Examinadora
Doutora em Antropologia Social – Universidade de Brasília (UnB)
Universidade Estadual do Maranhão – Campus Caxias

Documento assinado digitalmente
 DANIELLE CRISTINE RIBEIRO
Data: 07/08/2026 10:57:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Danielle Cristine Ribeiro – Examinadora
Doutora em Ciências Sociais – Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Universidade Estadual do Maranhão – Campus Caxias

Dedico este trabalho às minhas mães,
Francisca e Maria Emília, quebradeiras de
coco, cujo amor me guiou e fortaleceu até
aqui. Esta conquista é nossa.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por abrir caminhos e me sustentar com sua graça.

À Virgem Maria, que intercedeu por mim, me protegeu e me animou com seu colo de mãe nos momentos difíceis, lembrando-me da promessa.

À minha mãe, Maria Emília, meu maior amor e minha maior inspiração. Mesmo sem compreender todas as exigências dessa caminhada, você nunca deixou de acreditar em mim, apoiar meus sonhos e celebrar cada conquista. Suas orações me sustentaram, seus abraços me devolveram as forças e seu sorriso me lembrou, tantas vezes, o verdadeiro motivo para continuar. Este trabalho também é seu, porque cada passo que dei carregava um pouco de você.

À minha família, que me apoiou, me socorreu nas dificuldades e se preocupou com o meu bem-estar.

Aos colegas e amigos que contribuíram, de alguma forma, para a realização deste trabalho.

À minha irmã de coração, Fernanda, meu exemplo de lealdade e meu porto seguro. Obrigada por estar ao meu lado em todos os momentos, segurando minha mão e acreditando em mim mesmo quando eu não conseguia. Por secar minhas lágrimas, celebrar cada uma das minhas conquistas e tornar a caminhada mais leve com seu carinho e sua presença constante. Sempre tive a certeza do amor que sente por mim, e essa certeza me deu forças para seguir em frente. Sou imensamente grata por ter você na minha vida.

Aos professores do Curso de Ciências Sociais da UEMA, que contribuíram para a minha formação. Aprendi muito, bem mais do que o currículo oferece. Amadureci como pessoa e hoje me sinto pronta para viver de peito aberto tudo aquilo para o que fui preparada por meio de seus ensinamentos.

Em especial, ao meu orientador, Prof. Weriquis, por quem tenho profunda admiração. Seu exemplo de profissional e de ser humano marcou profundamente minha trajetória. Obrigada por acreditar em mim, por me ensinar com paciência, por me fortalecer nos momentos de insegurança e por me fazer enxergar potencial onde eu via apenas limitações. Seu afeto, incentivo e dedicação foram essenciais para que esta pesquisa se concretizasse. Levarei

seus ensinamentos para além deste trabalho, como inspiração para a profissional que desejo ser.

Ao meu querido amigo Rian, por tornar os meus dias mais leves e felizes e por nunca permitir que eu enfrentasse esta caminhada sozinha. Obrigada por acreditar em mim, enxergar meu potencial, incentivar meus sonhos e me ensinar a confiar no processo. Sou profundamente grata por todo o cuidado, apoio e proteção que sempre me ofereceu.

À Tatiara, com quem compartilhei momentos difíceis, noites de muito trabalho, medos e anseios. Obrigada por dividir comigo cada etapa desta caminhada, por tornar os desafios mais leves, pelas conversas, pelo apoio e por me lembrar, mesmo nos dias mais difíceis, de que tudo isso valeria a pena.

À Eva, por torcer por mim e me acolher com toda a sua paciência e carinho. Obrigada por ser minha paz nos dias difíceis, por acalmar meu coração em meio ao caos, por sempre ter fé em mim. Sua presença iluminou esta caminhada e tornou tudo mais leve e bonito. Meu amor, obrigada por tudo.

Ao Francisco, meu gatinho, por sua companhia silenciosa durante os dias de escrita, tornando essa caminhada mais leve.

Às quebradeiras de coco babaçu da comunidade Lagoa dos Pretos, que abriram as portas de suas casas e compartilharam comigo suas histórias, experiências, saberes e afetos. Agradeço pela confiança, pelo acolhimento e pela generosidade com que me receberam. Este trabalho só foi possível porque vocês aceitaram caminhar comigo.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, fizeram parte desta caminhada. Cada gesto de cuidado, cada palavra de incentivo, cada abraço, cada oração e cada demonstração de afeto contribuíram para que este trabalho se tornasse possível. Nada do que foi construído até aqui seria o mesmo sem a presença de cada um de vocês. Minha eterna gratidão.

*“Eles combinaram de nos matar, mas nós
combinamos de não morrer”.*

Conceição Evaristo

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo compreender o papel das emoções nas relações entre as quebradeiras de coco babaçu da Comunidade Lagoa dos Pretos, localizada no município de Caxias, Maranhão. Partindo da compreensão de que as emoções atravessam as relações sociais e de trabalho, buscou-se analisar como elas influenciam as experiências individuais e coletivas dessas mulheres em seu cotidiano. A pesquisa possui caráter qualitativo e fundamentou-se em uma abordagem etnográfica, com a realização de trabalho de campo, entrevistas semiestruturadas e utilização de diário de campo para o registro das observações, interações e falas das quebradeiras de coco babaçu. O estudo fundamentou-se em discussões sobre emoções, gênero e trabalho, considerando as especificidades do extrativismo do babaçu e das relações construídas em torno dessa atividade. Os resultados evidenciam que as emoções constituem as relações entre as próprias quebradeiras, bem como as relações estabelecidas com o trabalho da quebra do coco e com a ancestralidade vinculada às palmeiras de babaçu. Orgulho, cuidado, medo, vínculo afetivo com as palmeiras e estigmatização do trabalho de quebra do coco emergem em um contexto de tensões e marginalização do ofício, influenciando as formas de organização e as dinâmicas sociais relacionadas ao trabalho, além de potencializar as redes de apoio mobilizadas no enfrentamento das opressões que atravessam suas identidades. Conclui-se que as emoções desempenham um papel central na construção das relações sociais das quebradeiras, constituindo-se como elemento importante para a manutenção de seus modos de vida, de trabalho e de organização coletiva.

Palavras-chave: quebradeiras de coco babaçu; emoções; trabalho; gênero.

ABSTRACT

This research aimed to understand the role of emotions in the relationships among babassu coconut breakers in the Lagoa dos Pretos community, located in the municipality of Caxias, Maranhão. Based on the understanding that emotions permeate social and work relationships, the study sought to analyze how they influence these women's individual and collective experiences in their daily lives. The research was qualitative in nature and grounded in an ethnographic approach, involving fieldwork, semi-structured interviews, and the use of a field journal to record observations, interactions, and the words of the babassu coconut breakers. The study drew upon discussions regarding emotions, gender, and work, considering the specificities of babassu extraction and the relationships formed around this activity. The results show that emotions shape the relationships among the breakers themselves, as well as their relationships with the work of breaking the nuts and with the ancestry linked to the babassu palms. Pride, care, fear, emotional bonds with the palms, and the stigmatization of the work emerge within a context of tension and marginalization of the trade; these emotions influence organizational forms and work-related social dynamics, while also strengthening the support networks mobilized to confront the oppressions that shape their identities. The study concludes that emotions play a central role in constructing the breakers' social relationships, serving as a key element in sustaining their ways of life, labor, and collective organization.

Keywords: babassu coconut breakers; emotions; work; gender.

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
2	PERCURSO METODOLÓGICO	16
3	AS EMOÇÕES NAS RELAÇÕES SOCIAIS DE TRABALHO E GÊNERO	22
3.1	Trabalho e Gênero	23
3.2	Emoções e Gênero	27
4	AS EMOÇÕES NAS RELAÇÕES DE TRABALHO E EXPERIÊNCIAS DAS MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU	33
4.1	Orgulho	33
4.1.1	<i>[...] graças a Deus cresci desse jeito. Minha filha do mesmo jeitinho, trabalhando também [...]</i>	34
4.1.2	<i>[...] não sou quebradeira de coco, só porque hoje eu tenho o que comer, porque sou aposentada?</i>	35
4.2	Cuidado	37
4.2.1	<i>Nós somos unidas na hora de trabalhar, na hora de uma doença, nós todo mundo tá junto, graças a Deus!</i>	37
4.2.2	<i>A gente unida, dava força!</i>	39
4.3	Medo	40
4.3.1	<i>[...] ninguém pode dizer nada pra ele não, que é dele. Aí eu tenho medo de pegar 'mijada.</i>	41
4.3.2	<i>Eu tinha medo de gado, tinha não, eu tenho!</i>	41
4.4	Saudade	43
4.4.1	<i>Tô sentindo falta que não tô quebrando esses dias porque tava muito aperriada [...]</i>	44
4.4.2	<i>Sinto falta demais. Saudade demais mesmo!</i>	44
4.5	Afetividade com as palmeiras	46
4.5.1	<i>Ave Maria, tirar uma palmeira dessa daí pra mim é mesmo que me matar</i>	46
4.6	Estigmatização do trabalho de quebradeira	49
4.6.1	<i>[...] o serviço mais relaxado que tinha era o da quebradeira de coco</i>	49
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
	REFERÊNCIAS	55
	APÊNDICES	57

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Da porta da cozinha da Dona Juçara, observou-se o universo da quebradeira de coco acontecendo, embaixo da casinha coberta de palha, o som do coco babaçu sendo quebrado soava de forma tão certa e harmoniosa com o restante da paisagem que chamava a atenção de quem o escutava. Havia ritmo e uma atmosfera única naquele lugar, algo totalmente diferente de apenas ler sobre a quebra do coco ou ouvir falar dela.

Ao aproximar-se do local de onde vinha aquela sonoridade, ao chegar, lá estava Dona Juçara sentada no chão com seu machado entre as pernas e o cacete quebrando coco no quintal. Era, impressionante a habilidade demonstrada e a quantidade de coco que foi quebrado em poucos minutos. O compasso produzido durante o trabalho lembrava um instrumento musical; assim como a música é capaz de despertar lembranças, sensações e sentimentos, aquele som parecia carregar memórias de gerações, conectando até mesmo quem o escutava pela primeira vez.

Desse modo, ali foi possível captar mais do que a realização da atividade, mas ser alcançada pelo legado dessas mulheres. Assim, esta pesquisa abre caminhos para o estudo sobre as emoções entre as quebradeiras de coco babaçu da comunidade Lagoa dos Pretos, no município de Caxias, Maranhão.

Historicamente, momentos de tensões sociais vividos por mulheres suscitaram respostas às formas de discriminação de gênero. A luta por ocupar espaços e pela própria sobrevivência não é uma novidade para elas. No entanto, suas capacidades de se organizarem em torno de interesses em comum, de prestar apoio umas às outras e batalhar pelo o que lhes é de direito, revelam formas de resistência construídas coletivamente. Nesse sentido, a afetividade, em particular dentro desses contextos de opressão e exclusão, surge como um mecanismo que fortalece e potencializa suas ações sociais.

O Movimento Interestadual Das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) surge justamente da organização coletiva de mulheres, que assumem suas identidades como quebradeiras de coco babaçu, e que reconhecem seus saberes, práticas e modos de vida próprios, atuando em prol do livre acesso ao babaçu, da sua autonomia política e econômica, da valorização de seu trabalho e da defesa de condições dignas de vida.

Falar sobre a luta das quebradeiras de coco e sua importância envolve também a memória presente na vida de muitas famílias com raízes na zona rural. Não é difícil encontrar alguém que conheça e tenha em mente uma mãe, avó ou tia que tenha quebrado coco babaçu, mulheres que trabalharam incansavelmente para garantir o básico para suas famílias.

À vista disso, a contribuição dessas mulheres para suas comunidades, famílias, e inclusive para o meio ambiente, é inegável. Seus saberes são transmitidos entre gerações, dando continuidade às práticas e conhecimentos relacionados ao babaçu. A relação que estabelecem com a natureza também faz parte desse processo, uma vez que compreendem e respeitam os ciclos que a envolvem. As palmeiras de babaçu, vistas como parte da própria dinâmica natural do território, são manejadas a partir de conhecimentos ancestrais que orientam suas formas de trabalho.

Nesse sentido, este estudo surge da necessidade de olhar com mais atenção para as experiências sociais e culturais das quebradeiras de coco, buscando compreender como as emoções constituídas entre essas mulheres influenciam seus modos de vida e suas experiências cotidianas.

Dessa forma, entende-se que as emoções influenciam a maneira como as quebradeiras se organizam e se relacionam, e que por sua vez impactam suas relações pessoais e coletivas. A experiência de ser uma quebradeira de côco babaçu historicamente é marcada por uma sequência de violências e resistência, compondo um cenário de marginalização dessas mulheres, que desde cedo são ensinadas a aderir às normas e expectativas de gênero que moldam sua forma de sentir e se expressar. Assim, suas identidades e papéis sociais são atravessados por fatores culturais e estruturais.

Desse modo, o presente trabalho buscou contribuir para o reconhecimento das emoções que tecem a sociabilidade das mulheres quebradeiras de coco babaçu, ampliando os debates sobre como as emoções constituem as relações entre essas mulheres e influenciam suas trajetórias e experiências coletivas. Ao lançar um olhar para aspectos frequentemente secundarizados nas pesquisas sobre quebradeiras de coco, busca-se evidenciar a importância das emoções na construção de seus modos de vida e de suas relações cotidianas.

Em diferentes contextos históricos, atividades interpretadas como trabalho feminino foram invisibilizadas e desvalorizadas socialmente. Não diferente, a quebra

do coco babaçu, por muitas vezes ser percebida apenas como meio de subsistência, acaba sendo associada como uma extensão do cuidado e atividades domésticas tipicamente atribuídas às mulheres.

Assim, essas mulheres assumem tanto na produção do azeite quanto nos cuidados da casa, evidenciando uma sobrecarga presente em suas experiências cotidianas. Sob esse cenário, Helena Hirata afirma:

[...] não haverá uma maior igualdade profissional entre homens e mulheres enquanto permanecer a assimetria na realização do trabalho doméstico e de cuidado, que continua sendo considerado responsabilidade exclusiva das mulheres (Hirata, 2016, p. 61).

Conforme aponta a autora, a divisão sexual do trabalho organiza socialmente as atividades atribuídas a homens e mulheres de forma hierarquizada, contribuindo historicamente para a desvalorização do trabalho feminino. Dessa maneira, percebe-se que o trabalho é atravessado por relações de gênero, pois estabelece normas e expectativas sociais sobre quais papéis devem ser desempenhados e de que maneira devem ser realizados, caracterizando dessa forma relações de poder.

De acordo com Raewyn Connell (2015), gênero é uma categoria que explica a forma como os corpos reprodutivos estão organizados em cada contexto social, estando relacionado às instituições e uma estrutura social. A autora contribui para pensar a ordem de gênero como algo aprendido socialmente e, sobretudo, para compreender como o gênero organiza o trabalho e implica relações de exploração, especialmente a partir da invisibilização do trabalho do cuidado.

Para além das relações de gênero que estruturam suas experiências, torna-se importante compreender como as mulheres quebradeiras de coco constroem sentidos sobre suas vivências por meio das emoções. A emoção, enquanto categoria analítica da antropologia e da sociologia, permite compreender que não são fenômenos estritamente individuais, neutros ou apenas reações do corpo, mas como experiências construídas e compartilhadas socialmente. Nessa perspectiva, as emoções participam da produção de vínculos, significados e formas de pertencimento, influenciando a maneira como os sujeitos interpretam e vivenciam suas experiências.

Tal compreensão aproxima-se da noção de comunidade emocional, proposta por Barbara Rosenwein (2006), segundo a qual grupos sociais compartilham modos específicos de sentir, expressar e atribuir significados às emoções. No caso

das mulheres quebradeiras de coco babaçu da comunidade Lagoa dos Pretos, as experiências ligadas ao trabalho, à memória, ao território e às formas de apoio mútuo contribuem para a construção de sentidos compartilhados sobre suas trajetórias e vivências.

Desse modo, as emoções podem ser entendidas como respostas socialmente construídas e internalizadas pelos indivíduos, influenciando a maneira como interpretam e respondem às experiências vividas. Como explica David Le Breton, “a comunidade social identifica, classifica e julga os estados afetivos de acordo com sua conformidade implícita aos comportamentos esperados e diferentes situações” (Breton, 2009 p. 33). Nessa perspectiva, as emoções também se revelam por meio dos papéis e práticas socialmente desempenhados pelos indivíduos (Breton, 2009, p. 30).

Partindo desse entendimento, considera-se que as mulheres quebradeiras de coco babaçu compartilham experiências marcadas por desigualdades de gênero, ameaças às suas atividades e condições de vida semelhantes, aspectos que influenciam suas formas de expressar, compreender e atribuir sentidos. Assim, na análise das emoções considera as interações e trocas estabelecidas entre essas mulheres, observando como constroem significados, fortalecem vínculos e organizam formas de apoio mútuo.

A escolha da comunidade quilombola Lagoa dos Pretos, do município de Caxias, Maranhão, se deu por ser um espaço marcado pela forte presença de mulheres quebradeiras de coco babaçu. O trabalho com o babaçu não se limita à obtenção de renda, mas também envolve relações de convivência, cooperação e transmissão de conhecimentos entre diferentes gerações de mulheres. Esses saberes atravessam gerações e permanecem presentes no cotidiano da comunidade. Ao longo desse percurso, as quebradeiras constroem experiências, memórias e relações que ultrapassam o trabalho em si. Dessa forma, a comunidade constituiu um contexto importante para compreender como as emoções influenciam as experiências dessas mulheres em seu cotidiano.

Diante dessas reflexões, o presente estudo tem como objetivo compreender o papel das emoções nas relações sociais e organizativas entre as mulheres quebradeiras de coco babaçu da comunidade quilombola Lagoa dos Pretos. Para isso, busca identificar as emoções presentes em suas narrativas e vivências cotidianas, analisar de que modo saudade, medo, orgulho e cuidado emerge nos

relatos das participantes, bem como discutir sobre a influência nas relações sociais estabelecidas entre as mulheres da comunidade.

Dessa maneira, o estudo foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa, tendo a etnografia como principal estratégia metodológica, o que possibilitou observar as interações, práticas e experiências significativas das mulheres quebradeiras de coco babaçu. As situações vivenciadas no cotidiano do grupo foram registradas em diário de campo, compondo um conjunto de informações posteriormente transformadas em dados e analisadas sociologicamente.

Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas, organizadas a partir de eixos temáticos norteadores, mas conduzidas de forma flexível, acompanhando o fluxo das narrativas das interlocutoras. Essa estratégia permitiu aprofundar aspectos relevantes que emergiram durante as conversas, valorizando as experiências e perspectivas das próprias quebradeiras de coco.

Além desta introdução, o trabalho está organizado em quatro capítulos. O primeiro apresenta o percurso metodológico da pesquisa, detalhando os procedimentos adotados durante o trabalho de campo e a construção dos dados. O segundo reúne a discussão teórica que fundamenta a análise, abordando os principais conceitos mobilizados ao longo da pesquisa. O terceiro capítulo apresenta os dados produzidos em campo e suas respectivas análises, buscando compreender como se constituem as emoções nas vivências das mulheres quebradeiras de coco babaçu. Por fim, são apresentadas as considerações finais, retomando os principais resultados da pesquisa e as contribuições deste estudo para a compreensão das emoções nas relações sociais entre as quebradeiras de coco babaçu da comunidade quilombola Lagoa dos Pretos, no município de Caxias – MA.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa possui caráter qualitativo, pois buscou compreender as emoções atribuídas pelas quebradeiras de coco às suas experiências e as relações construídas no âmbito do trabalho e vida social. Segundo Martin W. Bauer e George Gaskell (2008), a pesquisa qualitativa constitui um procedimento autônomo que orienta a análise dos dados levantados e fundamenta interpretações a partir de observações mais detalhadas. Dessa maneira, o estudo explorou as complexidades das emoções e das relações entre as quebradeiras de coco babaçu, bem como suas implicações em seus modos de vida.

Para a realização do trabalho de campo, adotou-se uma abordagem etnográfica, buscando compreender as experiências, memórias e relações construídas entre mulheres quebradeiras de coco babaçu da comunidade Lagoa dos Pretos. Rocha e Eckert descrevem a etnografia como o exercício do etnógrafo de ver e escutar enquanto se situa no interior do fenômeno cultural investigado, observando e participando da realidade estudada na busca por compreender como ela se apresenta (Rocha; Eckert, 2008).

Os dados desta pesquisa foram produzidos ao longo de momentos com as quebradeiras de coco durante o trabalho de campo, por meio da observação, registros em diário de campo e das entrevistas realizadas com as interlocutoras. A permanência nos espaços de trabalho, nas residências e nos momentos de interação entre as mulheres possibilitou acompanhar práticas, conversas, gestos e relações que contribuíram para a compreensão das relações entre as quebradeiras analisadas neste estudo.

A inserção no campo ocorreu inicialmente por intermédio da professora Consola, vinculada à Secretaria Municipal de Atividades Produtivas e Inspeção Animal da cidade de Caxias – MA, que acompanha as mulheres quebradeiras de coco babaçu em diferentes atividades e projetos desenvolvidos há muitos anos na comunidade Lagoa dos Pretos, local onde foi realizado este estudo. A professora apresentou as mulheres que se reuniram na casa de uma das quebradeiras para que fosse explicado o intuito do encontro e para conhecer um pouco da história do grupo. Em seguida, o contato passou a ser mantido com uma das interlocutoras por meio do WhatsApp, aplicativo utilizado para a organização dos encontros e das idas ao campo.

A comunidade em questão fica localizada no município de Caxias, Maranhão. Situada na área rural, com aproximadamente 35 a 40 minutos de deslocamento da zona urbana, sendo reconhecida pela Fundação Cultural Palmares como território remanescente de quilombo, onde possui forte presença de mulheres quebradeiras de coco babaçu, que desde cedo aprendem a quebrar o coco e produzir o azeite.

O trajeto até a localidade tem suas dificuldades de acesso, como a estrada de piçarra e os trechos com grande quantidade de areia, o que pode facilmente causar acidentes para quem não tem experiência em trafegar por esse tipo de caminho. No início do percurso encontra-se a Fazenda Bacaba, marcada pelas áreas de pastagens destinadas à criação de gado. Também podem ser observadas áreas com a presença de palmeiras de coco babaçu.

Ao longo do caminho, é possível observar transformações na paisagem local. Percebe-se a transição entre as moradias mais antigas da comunidade e as novas construções de alvenaria cobertas por telhas e portas e janelas de alumínio. Algumas delas estão lado a lado, devido às construções ainda estarem em processo de finalização. Essas novas moradias fazem parte do Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR), que oferece a construção de casas para os moradores de comunidades tradicionais e rurais.

As palmeiras de babaçu também são encontradas nos quintais das casas. Nesses locais, algumas construções são cobertas pelas palhas da palmeira, especialmente espaços utilizados como depósitos para os produtos da roça como o arroz. Houve momentos que a coleta do coco era feita em uma fazenda próximo à comunidade. Entretanto, após o cercamento, surgiram as proibições ao acesso, algumas mulheres relataram episódios de impedimento por parte dos proprietários. Mesmo com a recente implementação da Lei Babaçu Livre nº 2.790 nas localidades do município de Caxias – MA, ainda persistem os conflitos territoriais.

Por questões de proibições e também de saúde, algumas mulheres realizam a coleta apenas no fundo de suas casas. Os cocos encontrados são considerados pelas interlocutoras como cocos “ruins”, pois possuem amêndoas menores ou acabam estragando no chão, sendo utilizados principalmente para a produção de carvão destinado ao consumo doméstico e à venda.

Observou-se de perto as interações e relações sociais entre essas mulheres no decorrer de suas atividades cotidianas utilizando como instrumento de

pesquisa o diário de campo, com o objetivo de registrar práticas, afetos, e situações vivenciadas pelo grupo. Segundo Florence Weber (2009), é necessário relacionar os eventos registrados e acumular materiais para analisar práticas e discursos, bem como a posição dos entrevistados, e objetivar a posição do observador.

Dessa maneira, foram registrados aspectos relacionados ao dia a dia da comunidade, incluindo descrições dos espaços observados e das atividades ligadas ao coco babaçu (Apêndice A; B; C). Entre elas, destacam-se os momentos em que as mulheres demonstravam como derrubavam os cachos de coco das palmeiras em seus quintais, as casas cobertas pela palha do babaçu, as conversas informais, as formas de ajuda mútua e as brincadeiras, lembranças e histórias recordadas durante os encontros, muitas vezes compartilhadas durante conversas na frente de suas casas sobre as sombras das árvores. Também foram registradas as interações estabelecidas entre as interlocutoras e outros elementos considerados relevantes para a compreensão de suas experiências sociais.

A princípio, o objetivo era observar as interações durante as diferentes etapas do processo de produção do azeite de coco babaçu, incluindo a coleta do coco. Entretanto, durante o período de realização do trabalho de campo, alguns fatores impossibilitaram o acompanhamento dessas atividades. As chuvas deixaram o terreno com excesso de lama, dificultando a passagem dos animais e das quebradeiras, além de os cocos estarem molhados. Questões de saúde enfrentadas por algumas interlocutoras também interferiram na realização dessas etapas. Por essas razões, foi necessário adaptar o percurso metodológico, deslocando o foco da observação das etapas de produção para os momentos de convivência e interação entre as mulheres.

Antes dessa mudança de percurso, estava prevista uma visita para acompanhar a coleta do coco no mato. A expectativa de participar dessa atividade também evidenciou sentimentos de apreensão e insegurança, por se tratar de um ambiente desconhecido e atravessado por conflitos territoriais. Entretanto, a ida foi desmarcada pelas próprias mulheres em razão do adoecimento de uma das quebradeiras. Jeanne Favret-Saada (2005) compreende que momentos como esse atravessam emoções, expectativas e sensações do pesquisador. Para a autora, “ser afetado” também produz conhecimento, na medida em que possibilita captar e aproximar-se da realidade vivida pelo grupo estudado.

Durante o trabalho de campo, as observações envolveram um grupo mais amplo de mulheres quebradeiras de coco babaçu da comunidade. Entre elas, três

mulheres quilombolas, com idades entre 63 e 65 anos, tornaram-se as interlocutoras centrais da pesquisa, participando das entrevistas semiestruturadas. O exercício do ofício teve início por volta dos 8 anos de idade. Segundo seus relatos, o aprendizado da quebra do coco babaçu ocorreu por meio da observação das atividades realizadas por suas mães e da tentativa de reproduzir os mesmos gestos e técnicas empregados. Durante esse processo, as mães possibilitavam a prática ao separar partes do coco já abertas, permitindo que elas realizassem a quebra das "bandinhas" antes de desempenharem a atividade de forma autônoma.

As interlocutoras relataram ainda que as dificuldades econômicas enfrentadas durante a infância impediram o acesso à escolarização formal, tornando o trabalho uma necessidade para a sobrevivência familiar. Atualmente, todas continuam exercendo o ofício, embora de maneiras distintas. Uma delas desenvolve a atividade de forma mais limitada, restrita ao próprio quintal, enquanto as outras, mesmo enfrentando problemas de saúde, continuam coletando coco nos arredores da comunidade e produzindo azeite de babaçu para comercialização.

A escolha das três quebradeiras ocorreu a partir de sua relevância para os objetivos da pesquisa. Durante a inserção em campo, suas narrativas apresentaram elementos considerados centrais para a compreensão das experiências das quebradeiras de coco babaçu da comunidade. Além disso, trata-se de mulheres reconhecidas por sua trajetória no grupo, sendo algumas das mais antigas quebradeiras da localidade. Outro aspecto considerado foi sua participação ativa na dinâmica com outras quebradeiras, evidenciada pela frequência com que recebiam outras mulheres em suas residências para conversas sobre questões do cotidiano, bem como pelo papel de referência que desempenhavam entre as demais integrantes. Somou-se a isso a disponibilidade demonstrada em colaborar com a pesquisa, compartilhando memórias, apresentando espaços significativos da comunidade e contribuindo para a construção dos dados.

Apesar da pesquisa ter contado com três mulheres, apenas duas entrevistas foram utilizadas de forma mais direta nas análises apresentadas neste trabalho. Uma das conversas não se desenvolveu de maneira mais aprofundada, pois, no momento da visita, a interlocutora se encontrava em período de intenso trabalho com a quebra do coco babaçu. Dessa forma, a entrevista ocorreu de maneira mais breve, o que limitou o aprofundamento das falas, embora a situação observada

também tenha contribuído para compreender a dinâmica do trabalho no cotidiano das quebradeiras.

Além disso, para a coleta de informações foram conduzidas entrevistas semiestruturada. Segundo George Gaskell, a entrevista qualitativa oferece “[...] compreensão em maior profundidade oferecida pela entrevistas qualitativas pode fornecer informações contextual valiosa para ajudar a explicar achados específicos” (2008, p.65), com um roteiro para guiar os principais tópicos e perguntas abertas com o intuito de conhecer suas experiências, para que fosse possível identificar expressões de afetividade presente em suas narrativas, a fim de analisar como as relações de afeto entre as quebradeiras de coco influenciam suas experiências pessoais e coletivas.

As entrevistas foram realizadas nas residências das interlocutoras e em seus locais de trabalho, em espaços como a cozinha, à frente da casa e uma casa de quebra de coco babaçu. A duração das entrevistas variou entre 30 e 40 minutos. O roteiro foi organizado em blocos temáticos (Apêndice D) que abordaram aspectos como a trajetória de trabalho com o babaçu, as relações estabelecidas entre as quebradeiras de coco e as formas de apoio e suporte presentes em seu cotidiano. Apesar da existência de um roteiro prévio, as entrevistas seguiram uma dinâmica flexível, acompanhando o ritmo das interlocutoras e os temas que emergiram durante as conversas.

Os áudios foram gravados por meio de aparelho celular, utilizando o aplicativo Voice Recorder, e posteriormente transcritos com o auxílio do aplicativo Transkriptor. A ferramenta permitiu a escuta simultânea do material, bem como a revisão e correção das transcrições, contribuindo para maior fidelidade aos relatos. Além disso, o sistema de identificação das falantes facilitou a organização e a análise dos dados nas etapas seguintes da pesquisa.

A construção do material analítico foi realizada a partir da leitura atenta das entrevistas em conjunto com os registros produzidos no diário de campo durante as observações. Esse processo possibilitou a identificação de categorias analíticas que emergiram das falas, gestos, expressões e interações observadas entre as quebradeiras de coco. Entre elas, destacaram-se sentimentos e experiências relacionados ao orgulho, cuidado, medo, saudade e à afetividade construída com as palmeiras de babaçu.

Como as entrevistas foram organizadas em blocos temáticos, foi possível identificar com maior facilidade os temas que apareciam com frequência nas narrativas das interlocutoras. Algumas categorias foram nomeadas diretamente pelas próprias mulheres, enquanto outras foram construídas a partir de falas surgidas espontaneamente em momentos anteriores do trabalho de campo, permitindo aprofundar seus significados.

A escolha por trabalhar com cenas etnográficas mostrou-se particularmente relevante, pois a descrição dos espaços, das paisagens e das situações observadas contribui para a compreensão das falas. As palmeiras de babaçu, os quintais, os locais de trabalho e os demais elementos do cenário compõem o modo de vida dessas mulheres e atribuem sentidos às suas experiências. Assim, a articulação entre descrição etnográfica e narrativa das interlocutoras possibilitou a construção de um material rico em detalhes, fortalecendo a análise das emoções investigadas.

Desse modo, as cenas de análise foram compreendidas a partir da perspectiva da descrição densa proposta por Geertz (2008). Para o autor, o trabalho etnográfico não se limita à descrição dos acontecimentos observados, mas busca interpretar os significados que atravessam as práticas, discursos e relações sociais. Assim, compreender uma realidade social implica considerar os contextos nos quais as ações são produzidas e os sentidos atribuídos pelos próprios sujeitos às suas experiências.

Partindo dessa percepção, as cenas construídas neste trabalho buscaram interpretar os significados produzidos nas experiências das mulheres quebradeiras de coco babaçu, considerando não apenas suas narrativas, mas também os contextos, relações e práticas que compõem seu cotidiano. Dessa forma, a análise procurou compreender como emoções, memórias e experiências sociais foram produzidas e significadas no interior de seus modos de vida.

Por fim, foi elaborado e utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, como forma de estabelecer, desde o início da pesquisa, uma relação de transparência com as participantes, bem como garantir a privacidade e a confidencialidade das informações compartilhadas. (Como consta do apêndice E; F e G) O documento foi lido e explicado às interlocutoras, sendo posteriormente assinado por meio de impressão digital. Para preservar suas identidades, os nomes verdadeiros foram substituídos por nomes fictícios.

3 AS EMOÇÕES NAS RELAÇÕES SOCIAIS DE TRABALHO E GÊNERO

O coco babaçu faz parte do extrativismo maranhense e possui grande importância para famílias camponesas, que usufruem de forma diversa das possibilidades proporcionadas pelas palmeiras, desde a produção de alimentos e produtos domésticos até a cobertura de suas casas com as palhas. Nesse sentido, o babaçu não se expressa apenas como um fator econômico, mas como um modo de vida dessas comunidades tradicionais.

Como afirmam Matos, Shiraishi e Ramos (2015), a atividade de coleta, quebra e beneficiamento do coco babaçu é passada de uma geração a outra e realizada predominantemente por mulheres. Trata-se de um importante complemento de renda para suas famílias, principalmente durante o período de entressafra da produção de alimentos, além de garantir autonomia econômica às mulheres.

Grande parte das pessoas que trabalham com o babaçu são mulheres. Esse dado revela uma lógica de atribuição de tarefas baseada no gênero e o acúmulo de funções, já que conciliam o extrativismo com os cuidados domésticos. Trata-se de uma atividade historicamente invisibilizada e desvalorizada, justamente por ser associada ao trabalho feminino.

O Maranhão é amplamente reconhecido como território dos babaçuais, onde algumas mulheres quebradeiras de coco babaçu mantêm uma relação afetiva com as palmeiras, sendo muitas vezes simbolizadas como uma “mãe” que cuida e alimenta seus filhos. Essa percepção está relacionada à importância da palmeira para a sobrevivência das famílias e da comunidade, sendo reconhecida pelas quebradeiras como uma “árvore-mãe”. Em razão dessa compreensão, as atividades extrativistas são frequentemente associadas à preservação dos babaçuais e ao cuidado com a natureza (Matos; Shiraishi; Ramos, 2015, p. 9).

No entanto, esse contexto também é marcado por disputas pelo acesso ao babaçu, envolvendo a derrubada das árvores nativas e o cercamento das terras com a expansão do agronegócio para a criação de gado, plantio de soja, entre outros. Esse processo evidencia os impactos, ao longo dos anos, no acesso dessas mulheres aos babaçuais, que passam a vivenciar conflitos e ameaças ao seu modo de vida e aos seus saberes tradicionais. Nesse contexto, a garantia do acesso à terra e ao território constitui uma das principais demandas das quebradeiras de coco babaçu:

Um dos grandes desafios para as quebradeiras de coco babaçu é a garantia do direito a terra e território. Como povo tradicional, a territorialidade é um fator essencial para a sobrevivência e a construção da identidade coletiva das quebradeiras de coco. Elas precisam ter terra e territórios garantidos e reservas legalizadas, para que possam produzir alimentos suficientes para suprir as necessidades de suas famílias e auferir renda. (Matos; Shiraishi; Ramos, 2015, p. 17).

Diante desse cenário, surge, em 1991 o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), no qual essas mulheres se organizam na luta pelo direito ao território, à terra e ao babaçu, bem como pela melhoria da qualidade de vida no campo. A partir da articulação política do movimento, também foram conquistados direitos importantes, como a Lei do Babaçu Livre, nº 01/2002 que visa garantir o livre acesso aos babaçuais e proibir a derrubada e o envenenamento das palmeiras (MIQCB, 2023).

Em um contexto marcado por ameaças, conflitos, exploração e opressão, o trabalho na produção do babaçu torna-se um espaço de construção de identidades, pertencimento e fortalecimento coletivo entre essas mulheres, que estabelecem relações de afeto que assumem potencial político.

3.1 Trabalho e Gênero

O trabalho da quebra de coco babaçu se deu historicamente pela necessidade de subsistência no meio rural, é majoritariamente realizado por mulheres que se identificam como quebradeiras de coco, suas práticas e saberes são passados de mães para filhas ou avós para suas netas. A atividade dessas mulheres demanda um esforço físico tanto no percurso para coleta das amêndoas quanto na quebra e produção do azeite ou carvão, as mesmas contribuem para a preservação do ambiente e fortalecimento entre elas.

Para Karl Marx (1867), o trabalho é essencial pois é o processo pelo qual o homem conscientemente transforma a natureza de forma intencional para satisfazer suas necessidades. Nesse processo, ao mesmo tempo em que modifica a natureza, o indivíduo também se transforma, desenvolvendo suas capacidades e atribuindo sentido à sua própria existência. Nesse sentido, a atividade das quebradeiras não se configura apenas como uma forma de subsistência, mas como um elemento central na constituição de suas identidades, valores e modos de vida.

Contudo, ao abordar a categoria trabalho, é imprescindível considerar as relações sociais que atravessam gênero. A análise dessa dimensão evidencia que as atividades desempenhadas por mulheres, como a quebra do coco babaçu, são historicamente marcadas pela desvalorização e precarização. De acordo com Helena Hirata (2008), a divisão sexual do trabalho se estrutura a partir de uma separação e hierarquização de atividades baseadas no sexo, homens e mulheres são designados a ocupar espaços diferentes.

A autora analisa essa divisão em dois eixos, produção e reprodução, onde o primeiro se sobressai sobre a segunda, homens são mais valorizados socialmente, exercendo cargos com maior prestígio social e econômico que por conseguinte apoderam-se de posições de poder e tomadas de decisões, enquanto as mulheres desempenham atividades culturalmente e economicamente desvalorizadas. Dessa forma ela conceitua essa dinâmica da seguinte maneira:

A divisão sexual do trabalho e a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e societalmente. Tem como características a designação prioritária dos homens a esfera produtiva e das mulheres a esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.) (Hirata, 2008, p. 266).

A produção está associada ao mercado e à geração de renda, sendo reconhecido como trabalho formal. Por outro lado, o trabalho reprodutivo refere-se às atividades de cuidado, visto como naturalmente atribuições femininas no espaço doméstico, como o cuidado com os filhos, a manutenção da casa e a assistência a pessoas adoentadas e dependentes.

Essa divisão não apenas organiza o trabalho, mas também contribui para a invisibilização das atividades desempenhadas por mulheres. Sob essas imposições, as quebradeiras de coco babaçu atuam tanto no processo produtivo, como na extração e produção do azeite, quanto nas atividades relacionadas ao cuidado e à manutenção da vida doméstica. Essa realidade revela a existência de uma dupla jornada de trabalho, marcada pela invisibilização das atividades reprodutivas que, embora essenciais para a manutenção da vida, não são reconhecidas como trabalho.

Além disso, a prática da quebra do coco babaçu envolve a produção e a transmissão de conhecimentos construídos historicamente. Desde cedo, as mulheres

socializam seus filhos nesse contexto ensinando técnicas, orientando a relação com o coco babaçu como elemento constitutivo de suas identidades.

Nessa perspectiva, Viviane de Oliveira Barbosa (2013), aponta que o não reconhecimento do trabalho dessas mulheres está historicamente associado à sua inserção em uma economia de subsistência e à compreensão dessa atividade como uma extensão do espaço doméstico. Tal interpretação dialoga com a análise de Raewyn Connell e Rebecca Pearse (2015), ao afirmarem que o trabalho doméstico é socialmente associado ao espaço privado e às mulheres, sendo frequentemente compreendido como expressão de cuidado ou obrigação moral, enquanto seus produtos são percebidos como dádivas, e não como resultado de trabalho.

Com base nessa discussão, a desvalorização do trabalho das quebradeiras de coco babaçu se dá pela relação culturalmente estabelecida entre a quebra do coco babaçu e as mulheres, isto é, por ser considerado um trabalho feminino e como uma extensão das atividades domésticas de subsistência de suas famílias, o que contribui para considera-la uma forma complementar da renda de casa, mas não como uma atividade produtiva e profissional.

Nesse contexto, o trabalho das quebradeiras de coco babaçu insere-se em uma dinâmica marcada por essa hierarquização das atividades organizadas a partir de papéis sociais atribuídos a homens e mulheres. Percebe-se como as relações de trabalho estão intrinsecamente articuladas às relações de gênero.

Para Connell e Pearse, gênero “é a estrutura de relações sociais que se centra sobre a arena reprodutiva e o conjunto de práticas que trazem as distinções reprodutivas sobre os corpos para o seio dos processos sociais” (2015, p.48). Para as autoras, gênero diz respeito às estruturas e aos processos relacionados à reprodução humana, de modo que os corpos reprodutivos são socialmente interpretados. Assim, a realização de lactar ou gerar filhos, são expressões biológicas que adquirem significados sociais, contribuindo para a construção e categorização de “homem” e “mulher”.

Nesse sentido, a arena reprodutiva pode ser compreendida como o espaço onde essas práticas, ligadas às capacidades corporais, são interpretadas e organizadas a partir das expectativas de gênero. Na dinâmica do cotidiano rural, as quebradeiras de coco babaçu organizam seu tempo em torno tanto da produção de azeite quanto de atividades domésticas como cozinhar, limpar a casa, cuidar de seus filhos, lavar e organizar, as quais são naturalizadas como parte do universo feminino.

Raewyn Connell (2015), compreende que gênero não se refere unicamente à forma como os papéis sociais são desempenhados por homens e mulheres, mas como estrutura-se as relações sociais que organizam um conjunto complexo de instituições e processos culturais, articulando-se a diferentes dimensões da vida social.

Para aprofundar essa discussão, Carla Akotirene (2019), ao criticar teorias feministas universais e hegemônicas, propõe o conceito de interseccionalidade como ferramenta para compreender as diferentes experiências vividas pelas mulheres, especialmente as mulheres negras.

De acordo com a autora, a interseccionalidade permite uma análise teórico-metodológica da estrutura indissociável entre racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado, que atravessam as experiências de mulheres negras, marcadas pelo cruzamento de gênero, raça e classe. Nesse sentido, a abordagem de Akotirene contribui para compreender a realidade das quebradeiras de coco, bem como os fatores que constituem suas identidades e as submetem a diferentes formas de opressão.

A identidade dessas mulheres é atravessada pela luta pelo acesso à terra, onde, muitas vezes, têm sua integridade ameaçada pelos conflitos com fazendeiros. As violências por elas vividas se manifestam tanto no âmbito público quanto no espaço privado, inclusive por parte de seus companheiros. Além disso, seu trabalho é frequentemente colocado em posição de subordinação, especialmente por não se submeter a uma lógica capitalista, já que suas relações com as palmeiras são atravessadas pela afetividade. Enquanto quilombolas, enfrentam ainda o preconceito e o racismo, evidenciando a sobreposição de diferentes formas de opressão em suas experiências.

Lélia Gonzalez (2020), denuncia o sexismo e o racismo em seus estudos sobre a condição das mulheres negras no Brasil. Para a autora, a herança colonial produziu formas de discriminação que atingem a população negra de modo geral, mas recaem de maneira mais intensa sobre as mulheres negras, configurando processos específicos de opressão e exploração.

Sob essas circunstâncias, essas mulheres foram historicamente excluídas e inseridas em atividades econômicas desvalorizadas e precárias, não como resultado de escolha individual, mas como efeito de um racismo cultural que naturaliza essas condições. Dessa forma, a divisão racial e sexual do trabalho opera de maneira

estratégica, articulando gênero, raça e classe na organização do trabalho. Como aponta a autora:

O que se opera no Brasil não é apenas uma discriminação efetiva; em termos de representações sociais mentais que se reforçam e se reproduzem de diferentes maneiras, o que se observa é um racismo cultural que leva, tanto algozes como vítimas, a considerarem natural o fato de a mulher em geral e a negra em particular desempenharem papéis sociais desvalorizados em termos de população economicamente ativa (Gonzalez, 2020, p. 35).

Com base nisso, ao considerar as experiências das mulheres do campo, torna-se evidente que a opressões de gênero, raça e classe se articulam e se reforçam simultaneamente, estando enraizadas em uma estrutura histórica colonial e capitalista que invisibiliza e desvaloriza suas práticas e saberes tradicionais.

Portanto, a ativista e feminista, Audre Lorde, afirma ser inconcebível hierarquizar as opressões. Lorde (2019), compreende que a hierarquização das opressões produz separação e confusão entre as mulheres, fortalecendo a permanência de uma única visão tida como correta, que tende a dominar e apagar as diferenças entre elas.

Para a autora, não são as diferenças em si que separam as mulheres, mas a relutância em reconhecê-las e em lidar de maneira eficaz com as distorções provocadas quando são ignoradas. Desse modo, o cenário em que vivem as mulheres quebradeiras de coco, implica a necessidade de considerar marcadores sociais como que constituem suas identidades enquanto mulheres, quilombolas, trabalhadoras e mães.

Em vista disso, ao vivenciarem uma realidade atingida pela violência de gênero e a desvalorização do trabalho, elas estabelecem relações de apoio com potencial político para o fortalecimento enquanto grupo. Assim, diante dessas múltiplas opressões, se fez necessário compreender como o papel das relações de afeto entre as quebradeiras de coco babaçu influenciam suas experiências, suas formas de organização, resistência e existência coletiva.

3.2 Emoções e Gênero

Em um contexto marcado por sucessivas formas de violência e resistência, como a luta pelo acesso à terra, a negação de identidades e a desvalorização do

trabalho, as experiências das mulheres quebradeiras de coco são profundamente atravessadas pelo um ambiente precário, dupla jornada de trabalho e constantes ameaças aos seus modos de vida. Inseridas em um cotidiano de trabalho árduo, essas mulheres não apenas compartilham uma realidade socioeconômica semelhante, mas também constroem, no seio de suas relações, vínculos afetivos.

Como argumenta David Le Breton (2009, p. 1), o indivíduo “está afetivamente presente no mundo” e “permanentemente sob influência dos acontecimentos, sendo por eles tocado”. Isto é, suas emoções baseiam-se em um repertório cultural atravessados por valores, significados e expectativas socialmente construídas.

A partir disso, nota-se que ao se reunirem em grupo para produção do azeite, as quebradeiras constituem vínculos sociais que influenciam a maneira como sentem, interpretam e reagem às situações vivenciadas. Desse modo, a partir dos estudos da Antropologia e Sociologia das emoções, torna-se possível compreender como as emoções influenciam a maneira que essas mulheres se organizam, se relacionam, e que por sua vez impacta suas relações pessoais e coletivas

As emoções, enquanto categoria de estudo na sociologia, como propõe Mauro Guilherme Pinheiro Koury (2004), devem ser consideradas como fenômenos socialmente construídos, e não como experiências puramente internas ou individuais. Isso implica reconhecer que, embora os sujeitos interpretam as situações de modo pessoal, essas interpretações são orientadas por referências sociais compartilhadas. No caso das quebradeiras de coco, por exemplo, uma mesma situação pode suscitar medo, raiva ou afeto, sendo vivida de forma singular por cada mulher, contudo, essas emoções só fazem sentido dentro de um contexto social e cultural comum. Como descreve Koury, ao evidenciar como as emoções se constituem nas relações sociais:

A sociologia da emoção, [...] parte do princípio de que as experiências emocionais singulares, sentidas e vividas por um ator social específico, são produtos relacionais entre os indivíduos e a cultura e sociedade. Traduzem as alianças produzidas levando em conta as normas sociais, os costumes, as tradições e as crenças ou convicções em torno das próprias emoções. Os conteúdos simbólicos e as práticas culturais de contextos sociais específicos promovem, agenciam, permitem ou ponderam, desta maneira, determinadas emoções, ao mesmo tempo em que negam, restringem ou impõem interditos a outras, a partir das interações contínuas e constantes entre os sujeitos relacionais em trocas sociais determinadas (Koury, 2004, p. 12).

Nesse sentido, as emoções experimentadas pelas quebradeiras de coco não podem ser compreendidas fora das relações sociais que as constituem, uma vez que são atravessadas por relações de gênero, pelo trabalho coletivo, pelas condições de vida e pelas experiências de opressão.

Dito isto, é comum que as emoções sejam compreendidas como manifestações instintivas, naturalmente associadas ao corpo e desvinculadas da racionalidade. Frequentemente relacionadas a uma sensibilidade aflorada ou à perda de controle, elas são, no senso comum, concebidas como desprovidas de lógica. Essa perspectiva contribui para sua generalização e naturalização, obscurecendo sua dimensão social e cultural.

Claudia Barcellos Rezende (2010), compreende que a relação entre emoção e razão está diretamente associada à forma como, historicamente, se estabelece a aproximação entre emoção e corpo. Nessa perspectiva, as emoções são consideradas fenômenos naturais que acontecem no corpo, como por exemplo, chorar, coração acelerado, fechar os punhos, etc, enquanto razão seria um fenômeno do pensamento. Assim, o corpo e as emoções seriam compreendidas como dimensões mais instáveis e difíceis de controlar, enquanto a razão é associada à mente e ao domínio racional do sujeito. Como afirma a autora:

O corpo e a emoção podem ser controlados pela mente e pela razão, mas seriam a priori mais imprevisíveis, mais involuntários e mais incontroláveis. Enquanto a razão e a mente colocariam o ser humano em um plano distinto e acima hierarquicamente de outras espécies animais, as emoções e as necessidades corporais o igualariam a elas (Rezende, 2010, p. 25).

Assim, sob o enfoque de gênero, as mulheres são socialmente representadas como mais “emocionais”, enquanto os homens são associados à “racionalidade”. Essa ideologia, incorporada desde a socialização primária, implica uma relação de poder, na medida em que estabelece uma hierarquização entre emoção e razão, na qual decisões consideradas racionais tendem a ser mais legitimadas. Essas expressões fazem parte da aprendizagem da ordem de gênero. Como aponta a autora:

[...] o grupo que ainda hoje é fortemente associado às emoções são as mulheres. Com seus comportamentos tidos pelo senso comum e pela medicina como estreitamente regulados pelos hormônios, as mulheres seriam mais instáveis emocionalmente e, portanto, menos racionais. Se essa

caracterização é negativa em várias situações, principalmente no mercado de trabalho, em outros contextos é positiva e valoriza as mulheres como mais acolhedoras e cuidadosas nas relações do que os homens. De um modo geral, a qualificação de pessoas como mais emotivas revela-se elemento de relações de poder nas quais se justifica a subjugação da parte mais fraca em virtude de seu menor controle das emoções, demonstrando a dimensão micropolítica dos sentimentos. (Rezende, 2010, p. 26).

Assim, em espaços como o trabalho, as capacidades das mulheres são frequentemente questionadas e deslegitimadas. As emoções expressadas por elas passam a ser interpretadas como sinais de fragilidade, descontrole ou inadequação, produzindo sentimento de culpa ou vergonha. Em contrapartida, os homens são construídos como sujeitos fortes, seguros e preparados para situações de tensão, sendo socialmente desencorajados a expressar suas emoções em ambientes profissionais. Ainda assim, sua credibilidade raramente é colocada em questão, ao passo que a das mulheres permanece constantemente sob suspeita.

Nessa perspectiva, para compreender as emoções entre essas mulheres, torna-se indispensável considerar que são atravessadas por relações de gênero, que orientam tanto as formas de sentir quanto de expressar essas experiências. A construção social do feminino impõe que as mulheres silenciem determinadas emoções, como a raiva; são ensinadas a expressar cuidado e paciência, a evitar o confronto e a sentir e se expressar conforme normas atribuídas socialmente a elas.

Desse modo, as emoções evidenciam papéis sociais impostas pela ordem de gênero, especialmente no âmbito da divisão sexual do trabalho. Sobre as quebradeiras de coco, as etapas do processo produtivo não dizem respeito apenas ao trabalho em si, mas também aos momentos de convivência e às trocas entre essas mulheres. Seus gestos, práticas e interações mobilizam emoções que são compartilhadas, reconhecidas e ganham significado entre o grupo.

Breton (2009), em sua análise sobre afetividade, compreende que as emoções seguem uma lógica pessoal e social. O autor define a afetividade como o “clima moral que envolve em permanência a relação do indivíduo com o mundo e a ressonância íntima das coisas e dos acontecimentos que a vida cotidiana oferece”. Assim, cada sociedade organiza particularmente o que se sente e a maneira que os indivíduos devem se expressar socialmente.

Como explica Maurice Halbwachs (2009), diante de certos acontecimentos e em determinadas circunstâncias, a sociedade nos orienta sobre como reagir, para além disso, espera que os sujeitos sintam determinadas emoções em certas situações. Ao modo que incita, estimula e legitima a demonstração de expressões emocionais específicas.

Dessa maneira, as quebradeiras de coco, ao vivenciarem a dupla jornada de trabalho e a constante ameaça à sua subsistência decorrente de disputas pelo acesso às palmeiras, podem suscitar sentimentos como medo e raiva. Tais emoções, longe de serem apenas reações individuais, atuam como mecanismos que impulsionam formas de resistência coletiva. Portanto, com base em seu repertório cultural, social e econômico, elas nomeiam, expressam e dão significado às suas emoções.

Conquistas como a Lei do Babaçu Livre e a atuação do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) são resultados de processos históricos marcados por luta e resistência, nos quais as emoções desempenham um papel crucial na mobilização do grupo, uma vez que suas experiências são moldadas por um contexto de desigualdade e conflito. Suas emoções, como discutido anteriormente, não nascem apenas do interior dessas mulheres, mas surgem exatamente das contradições sociais, de tensões atravessadas por relações de poder, normas culturais e estruturas econômicas.

Sendo assim, as emoções não são puramente individuais, elas são influenciadas por ideias, julgamentos, valores, normas e expectativas sociais, e podem ser expressadas socialmente em organizações políticas. De acordo com Halbwachs (2009), as emoções se tornam sociais quando a coletividade escolhe e valida formas comuns de expressá-las, criando uma comunidade de sentimento, do mesmo modo que a linguagem cria uma comunidade de pensamento.

Nesse sentido, as emoções são compartilhadas socialmente: elas existem no indivíduo porque também existem nos outros. Portanto, desenvolve-se no contato com o grupo. Como analisa David Le Breton (2009, p. 60), “o grupo é terreno fértil das emoções”. Assim, o grupo de mulheres quebradeiras de coco configura-se como um espaço onde as emoções são construídas e interpretadas com base em seu contexto cultural.

Nessa direção, conforme propõe Barbara Rosenwein (2011) os grupos sociais constituem “comunidades emocionais”, nas quais se estabelecem sistemas de

emoções que podem ser consideradas valorosas ou prejudiciais, encorajadas ou exploradas coletivamente. A autora, ao analisar a história das emoções, parte desse conceito para compreender como diferentes grupos constroem normas próprias sobre o que sentir, como expressar e quais emoções são socialmente legítimas. Assim, as quebradeiras de coco babaçu constituem uma comunidade emocional, na medida em que compartilham formas socialmente construídas de sentir, expressar e atribuir significados às emoções.

Nesse sentido, ao articular as categorias trabalho, gênero e emoções na análise sociológica das relações entre as quebradeiras de coco babaçu, torna-se evidente que essas dimensões não operam de forma isolada, mas se constituem mutuamente no interior de relações sociais historicamente situadas. O trabalho extrativista, atravessado por desigualdades de gênero e por conflitos territoriais, não apenas estrutura as condições materiais de vida dessas mulheres, como também influenciam suas experiências emocionais e formas de se relacionar. Nesse modo, este capítulo demonstra que os afetos não podem ser compreendidos como elementos estritamente individuais ou privados, mas como dimensões socialmente produzidas, que expressam e, ao mesmo tempo, revelam as tensões, limitações e possibilidades presentes nesse cenário.

4 AS EMOÇÕES NAS RELAÇÕES DE TRABALHO E EXPERIÊNCIAS DAS MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU

As cenas que compõem este capítulo foram construídas a partir das entrevistas realizadas com as quebradeiras de coco babaçu e das anotações produzidas no diário de campo durante o trabalho de observação etnográfica. Nesse processo, foram selecionados episódios considerados significativos para a compreensão das experiências vividas pelas interlocutoras, tendo como critérios a intensidade emocional das situações, a recorrência das falas, a presença de eventos marcantes no campo e a articulação entre diferentes materiais de pesquisa, como entrevistas e observação participante.

As cenas não são entendidas como simples descrições das falas das interlocutoras, mas como construções que articulam experiências vividas, narrativas, gestos e interações cotidianas, evidenciadas tanto nas situações observadas em campo quanto nas entrevistas, realizadas também com o objetivo de aprofundar aspectos identificados durante a observação, especialmente aqueles relacionados aos vínculos entre as mulheres.

As categorias analíticas aqui mobilizadas: orgulho, cuidado, medo, saudade, afetividade com as palmeiras e estigmatização do trabalho de quebradeira, foram definidas a partir da recorrência desses elementos nas falas e situações observadas em campo. A escolha dessas categorias está relacionada à sua centralidade na maneira como as interlocutoras significam suas experiências, permitindo compreender como o trabalho com o babaçu é atravessado, sobretudo, por emoções, que também se articulam a aspectos sociais e simbólicos.

4.1 Orgulho

Nesta seção, são apresentadas cenas que evidenciam o orgulho como uma emoção presente nas experiências das quebradeiras de coco babaçu. A partir das narrativas e das observações de campo, busca-se compreender como essa emoção se manifesta em diferentes situações relacionadas ao trabalho, à trajetória de vida e à identidade dessas mulheres.

4.1.1 [...] graças a Deus cresci desse jeito. Minha filha do mesmo jeitinho, trabalhando também [...]

Durante a conversa, Dona Juçara falava sobre os diferentes usos do babaçu e da palmeira em seu cotidiano, mencionando a produção do azeite, a utilização da palha para cobrir as casas e a confecção de utensílios como o cofo (cesto feito de palha das palmeiras de babaçu). Ao abordar o tema, lembrou momentos anteriores em que havia apresentado os espaços de sua residência relacionados ao trabalho com o babaçu.

A partir dessa recordação, também registrada no diário de campo, é possível descrever parte do fundo de seu quintal, onde se localiza uma casa de barro coberta de palha utilizada para guardar esteiras e cofos confeccionados para armazenar o arroz da roça. Ao lado da construção encontra-se um puxado destinado para depósito e à quebra do coco babaçu.

Nesse espaço, a quebradeira sentada sob o puxado, entre os cocos já separados e os instrumentos de trabalho, ela executava os movimentos com habilidade, o som produzido durante a quebra dos cocos ecoava pelo quintal e harmonizava-se com outros sons presentes no ambiente, como o vento que atravessava a vegetação ao redor da casa. Também permanecia por perto o animal utilizado para transportar os cocos do mato até a sua residência.

Ao rememorar esses aspectos, a participante reforçava a importância da palmeira em seu cotidiano, destacando que precisam de tudo o que ela oferece. Sentadas uma de frente para a outra, em determinado momento da conversa, ela voltou-se para o lado, apontou em direção ao fogão da cozinha e comentou: "[...] tem meu fogão bem aí, mas eu faço a comida no meu fogareiro, graças a Deus!", enquanto o almoço terminava de ser preparado.

No curso da entrevista, relatou que criou os filhos por meio do trabalho com a quebra do coco babaçu e que a filha, que naquele momento estava na cozinha organizando e finalizando o almoço, a acompanhava ao mato desde os oito anos de idade. Ainda apontando para a filha com contentamento, contou que suas netas também aprenderam o ofício. Segundo ela, as meninas estudam e quebram coco.

Quando mencionou as diferentes gerações de mulheres de sua família, demonstrava satisfação ao falar do trabalho realizado ao longo da vida, da continuidade dos ensinamentos transmitidos à filha e às netas e do desejo de que

suas bisnetas também aprendessem a quebrar coco, fechava o punho e batia levemente no braço da cadeira, enfatizando suas palavras: "[...] graças a Deus cresci desse jeito, minha filha do mesmo jeitinho, trabalhando também. E assim eu sou satisfeita!" (Juçara, 63 anos).

Percebe-se que o sentimento de orgulho se manifesta principalmente quando Dona Juçara passa a falar das diferentes gerações de mulheres de sua família. Quando destaca que criou os filhos por meio da quebra do coco babaçu e que transmitiu esse conhecimento à filha e às netas, o trabalho desde criança não aparece como algo negativo, mas como uma experiência valorizada e associada a sentimentos de gratidão e satisfação. Por essa razão, deseja que as bisnetas também aprendam o ofício, evidenciando a importância conferida à continuidade desses saberes entre mulheres de uma mesma família.

A valorização desse trabalho também parece estar relacionada ao papel que ele desempenhou na manutenção da família. Como a própria Dona Juçara afirma, foi por meio da quebra do coco babaçu que criou seus filhos. Nesse sentido, o trabalho adquire um significado que ultrapassa a dimensão econômica, estando associado às suas conquistas e à sua trajetória de vida. Essa experiência é abordada por Viviane de Oliveira Barbosa (2018), ao afirmar que as mulheres aprendem desde cedo as atividades relacionadas ao babaçu para somar esforços à economia produtiva da família rural. Entretanto, a fala de Dona Juçara revela que o conhecimento transmitido entre gerações não apenas contribui para somar esforços à economia produtiva desse trabalho, mas também constitui motivo de orgulho e satisfação, evidenciando que esse processo é atravessado pelas emoções que atribuem sentido à experiência com o babaçu.

4.1.2 [...] não sou quebradeira de coco, só porque hoje eu tenho o que comer, porque sou aposentada?

A entrevista foi realizada em frente à residência da Dona Rosa, sob um puxado onde também permaneciam seus cachorros e gatos. Ao chegar ao local, por volta do meio-dia, a pesquisadora encontrou a interlocutora ouvindo música em um rádio. Após o acolhimento, o aparelho foi desligado para o início da conversa. Dali, era possível avistar a residência, contemplada pelo Programa Nacional de Habitação

Rural – PNHR. Sentadas em cadeiras lado a lado, a entrevista teve início após a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Durante a conversa, a entrevistada relatou que sua infância e adolescência foram marcadas por inúmeras dificuldades. Ao recordar esse período de sua vida, contou que passou fome e que a quebra do coco babaçu era uma das principais formas de conseguir recursos para a compra de alimentos. Segundo ela, havia dias em que a refeição só acontecia tarde da noite, pois, após retornar do mato, ainda precisava vender o coco quebrado para então adquirir o que comer.

Ao rememorar essas experiências, destacou a importância do trabalho com o babaçu para a sobrevivência de sua família, e contou que foi sua mãe quem lhe ensinou o ofício ainda na infância. Enquanto explicava, reproduziu com as mãos o movimento realizado por sua mãe ao partir os cocos, demonstrando como as amêndoas eram deixadas quase soltas para facilitar sua retirada e evitar que se machucasse. Apesar das dificuldades enfrentadas no passado, narrava sua história com orgulho. Em suas palavras:

Eu tenho muito orgulho de falar. Eu dizer, botar... que não sou quebradeira de coco, só porque hoje eu tenho o que comer, porque sou aposentada? Não, senhora! Sou muito orgulhosa, senhora. Eu conto a verdade do início da minha vida... hum, hum! Não adianta tá mentindo pro povo. Não, é, não?! Querer ser a tal! [...] Aqui eu digo toda hora que chegar, eu explico que fui quebradeira de coco, trabalhadeira de roça. Eu sou orgulhosa de ter enfrentado a minha vida até hoje, graças a Deus! (Rosa, 64 anos)

Nesta cena, Dona Rosa em nenhum momento romantiza as dificuldades que enfrentou ao longo de sua vida. Pelo contrário, reconhece a precariedade das condições em que viveu durante a infância e adolescência, marcadas pela fome e pela necessidade de trabalhar para garantir a própria sobrevivência.

No entanto, nota-se que a quebra do coco babaçu não aparece em sua jornada apenas como uma atividade econômica, mas também como parte de sua identidade. Ao afirmar, com convicção, que continua sendo uma quebradeira de coco, mesmo após a aposentadoria e a melhoria de suas condições de vida, demonstra orgulho de sua trajetória e recusa esconder suas origens. Reafirmando o valor do trabalho realizado ao longo dos anos e resistindo a possíveis desqualificações atribuídas à profissão de quebradeira de coco

Como aponta Sette Silva, Napolitano e Basto (2016), no passado, muitas mulheres sentiam vergonha da atividade que realizavam e, em algumas situações,

escondiam seus instrumentos de trabalho para não serem reconhecidas. Conforme as quebradeiras passaram a se organizar coletivamente e a assumir essa identidade, construíram também formas de reconhecimento e valorização do próprio trabalho. Assim, o orgulho expresso por Dona Rosa pode ser compreendido como parte desse processo de afirmação identitária, no qual ser quebradeira de coco deixa de ser motivo de vergonha para tornar-se motivo de reconhecimento e valorização.

As duas cenas permitem compreender que o orgulho manifestado pelas duas quebradeiras de coco não se refere apenas ao trabalho em si, mas aos significados construídos em torno dele ao longo de suas caminhadas. No caso de Dona Juçara, o orgulho aparece associado à transmissão de conhecimentos entre gerações de mulheres e à criação dos filhos por meio da quebra do coco babaçu. Já para Dona Rosa, relaciona-se à valorização de uma identidade construída através do trabalho e à recusa em ocultar experiências que considera importantes para sua história de vida.

A partir disso, o orgulho não se apresenta como um sentimento exclusivamente individual, mas como uma emoção socialmente construída nas relações de trabalho, família e transmissão de saberes entre mulheres quebradeiras de coco babaçu. Segundo Koury (2004), as emoções são produzidas dentro de uma cultura emocional específica, que oferece aos indivíduos repertórios simbólicos e comportamentais a partir dos quais atribuem sentido às suas experiências. Nesse sentido, ao narrarem suas trajetórias como quebradeiras de coco, essas mulheres não apenas relatam suas jornadas, mas também produzem formas de reconhecimento de si e de valorização de suas práticas sociais

4.2 Cuidado

A análise a seguir reúne cenas que abordam as práticas de cuidado e ajuda entre as quebradeiras de coco babaçu. Os relatos apresentados permitem compreender como essas experiências estão presentes no cotidiano das mulheres, tanto nas atividades de trabalho quanto em momentos de necessidade.

4.2.1 Nós somos unidas na hora de trabalhar, na hora de uma doença, nós todo mundo tá junto, graças a Deus!

Enquanto aguardava o início da entrevista, sentada próxima à mesa da cozinha, observava Dona Juçara organizar os alimentos que seriam preparados para o almoço. Nesse momento, outra quebradeira de coco entrou no local, cumprimentou os presentes e perguntou sobre a refeição que estava sendo preparada também para os trabalhadores contratados para cortar o arroz na roça da Dona Juçara. Durante o curto período em que permaneceu na cozinha, sem muitas palavras, começou a ajudar, sem que lhe fosse solicitado qualquer auxílio, começou a colaborar com o preparo da refeição, lavou o arroz, colocou-o na panela, conversou sobre outros assuntos e, em seguida, saiu.

A cena observada durante a entrevista não constituiu um episódio isolado. Ao longo da conversa, ela mencionou outras situações em que recebeu apoio de mulheres da comunidade, especialmente em momentos de dificuldade. A entrevistada relembrou um episódio em que seu filho adoeceu e não possuía transporte para levá-lo ao hospital. Em suas palavras:

Sem ter uma moto, me aperriei, aí ela levou meu filho, cuidou dele lá no hospital. [...] Quando um tá doente, quando cai aqui, quando tem um que falece, aqui vai todo mundo. Limpa a casa, varre, lava vazia (louça), enche o pote. Só sei quando o defunto chega, tá tudo só no ponto de entrar. É assim, tudinho, tudo é misturado, é bom! (Juçara, 63 anos).

Ao refletir sobre essas práticas de ajuda mútua, conclui:

Nós somos unidas na hora de trabalhar, na hora de uma doença, nós todo mundo tá junto, graças a Deus! Aí, a menina que falei, a comade Francisca (nome fictício), ela ajuda muito mesmo. Só se a gente não chegar lá e dizer 'me ajuda', 'me acode', ela tudo, ela vai. [...] Ela pode ser o que for, pode disser que ela é, mas eu tô com ela... tô com ela (Juçara, 63 anos).

Observa-se que, nesta primeira cena, o cuidado se manifesta de forma espontânea, sem a necessidade de um pedido formal, evidenciando práticas de ajuda que se organizam no cotidiano das quebradeiras de coco babaçu. Enquanto Dona Juçara segue realizando outras atividades e conduzindo a conversa, outras mulheres participam da dinâmica da cozinha, colaborando no preparo da refeição.

Além disso, situações de luto e momentos de dificuldade, como relatado pela Dona Juçara, também acionam formas coletivas de organização do cuidado, envolvendo práticas de apoio à família enlutada ou em situação de necessidade. Nesse contexto, o cuidado aparece como uma dimensão socialmente valorizada entre

as quebradeiras, articulando trabalho, solidariedade e atenção às necessidades do outro, tanto no cotidiano quanto em situações excepcionais como doença e morte.

Um ponto que chama atenção é que, mesmo que outras pessoas possam enxergar Francisca de forma negativa em alguns aspectos, o fato de ser alguém que ajuda as outras mulheres faz com que ela seja aceita e reconhecida dentro do grupo. Como disse Dona Juçara, “ela pode ser o que for”, o que mostra que, entre as quebradeiras, a disposição para ajudar tem um peso importante nas relações entre elas. Assim, percebe-se que elas não estão juntas apenas na hora de trabalhar quebrando coco, mas também em situações de dificuldade, em que o cuidado e a ajuda mútua fortalecem os vínculos entre o grupo.

4.2.2 *A gente unida, dava força!*

Dona Rosa explicou que em períodos em que havia maior quantidade de coco babaçu, as quebradeiras costumavam trabalhar juntas e se ajudar mutuamente. Segundo ela, era comum combinarem dias para quebrar coco na casa umas das outras, revezando-se com às companheiras. Ao narrar essas experiências, contou sobre a importância de ajuda entre o grupo.

É que a gente trabalhando unido é tão bom. A gente unida, dava força. Né, não? Se você tem uma amiga que você trabalha unido com ela, nada falta pro outro. Nada falta! [...] Tem que se ajudar. Pois é, tem que ajudar uns aos outros.

Nós brincava muito no mato, conversando. [...] Uma ‘futucava’ (cutucar) o cacho de coco, uma ia juntar, fazer o limpo, e aí nós ia quebrar, ia conversar. E naquilo passa o tempo. O dia todo a gente passava no dia no mato. [...] Se distraía. ‘Fulano, eu achei o cacho de coco, vem aqui, bora apanhar, vamo!’ ‘Bora juntar aqui, vamos.’ ‘Bora quebrar ali, vamos limpar ali’. Aí era assim. Bom, né? [...] Leva a sua merenda... ‘Minha irmã, tu não trouxe nada pra comer no mato, tu trouxe isso assim, assim, meno uma farinha, vamo comer’. É, às vezes a gente vai preocupada. A outra: ‘Não, mermã, não se preocupa não. Não se preocupa não, tudo passa. Hoje você tá preocupada, mas não vai se preocupar com isso não. Não vai se bater com isso. Isso aí vai passar.’ Aí vai conformando uma outra, né? (Rosa, 64 anos).

Sobre a ajuda recebida das outras quebradeiras, afirmou:

Eu me sinto bem demais, mulher, porque na vista que eu não ter filho, eu agradeço muito quando a pessoa faz uma coisa pra mim. Quando a pessoa, pra me ajudar, ‘Ó, minha senhora’, ‘Ó, minha avozinha, vou lhe ajudar’, é bom demais, né, não? Bom demais. Hoje ninguém quer fazer nada pra ninguém. Tu sabe que ninguém quer ajudar ninguém, né não? Mas eu não me ‘astrevo’ (atrevo) sair daqui pra um lugar que eu vejo que as pessoas não cuidam de

ninguém, não olham pra ninguém. Eu não saio do meio dos meus pra ir pra onde gente que não faz nem um chá pra gente. Eu não vou não. Só saio daqui pro cemitério quando eu morrer (Rosa, 64 anos).

Nessa cena, Dona Rosa destaca a importância da ajuda entre as mulheres, em que a união é percebida como uma forma de fortalecer o grupo. A organização da dinâmica do trabalho parte dessa percepção, visível no revezamento dos dias para ajudar na quebra do coco e na produção do azeite de babaçu. Nesse contexto, o trabalho também se constitui como um espaço de convivência, marcado por conversas, brincadeiras e momentos de partilha.

Em vista disso, essa organização coletiva também pode ser compreendida como um espaço de convivência e partilha de experiências. Como aponta Lima (2016, apud Sette Silva; Napolitano; Basto, 2016), essas mulheres se organizavam inicialmente nas comunidades quando se juntavam para coletar e quebrar cocos no babaçual e nos quintais das casas, tendo nessa prática social a oportunidade de conversar e também de desabafar suas mazelas e humilhações vividas enquanto mulheres. Sendo assim, a ajuda entre as quebradeiras não é só organização do trabalho, mas um modo de vida em que trabalho, convivência e cuidado se misturam, criando vínculos afetivos entre as quebradeiras.

Considerando as duas cenas, os relatos das quebradeiras de coco revelam que o cuidado e a ajuda mútua ocupam um lugar importante nas relações entre as quebradeiras de coco. Seja na partilha dos alimentos, no auxílio durante o trabalho ou no apoio oferecido em momentos de dificuldade, o suporte em momentos de doença e as palavras de conforto diante das preocupações revelam formas de cuidado construídas coletivamente.

Nesse sentido, a reflexão de Le Breton (2009) contribui para compreender essas relações ao afirmar que "as emoções são modos de afiliação a uma comunidade social, uma maneira de se reconhecer e poder se comunicar em conjunto sobre a base da proximidade sentimental". Assim, essas práticas fortalecem os vínculos entre as mulheres e produzem sentimentos de pertencimento ao grupo.

4.3 Medo

Nesta seção, são analisadas cenas que evidenciam o medo nas experiências das quebradeiras de coco babaçu. Os relatos permitem compreender

como essa emoção está presente em diferentes situações vivenciadas durante a coleta do coco e no acesso aos babaquais.

4.3.1 [...] ninguém pode dizer nada pra ele não, que é dele. Aí eu tenho medo de pegar 'mijada'.

Quando perguntado Dona Juçara se costumava coletar coco babaçu na Fazenda Bacaba, ela explicou que frequentava a área apenas quando as cercas eram antigas. Após a substituição dos arames, passou a buscar coco nas proximidades de sua residência. Ao explicar os motivos dessa escolha, relatou diferentes medos associados à entrada no local:

Eu não vou porque eu tenho medo de boi. Ah, não vou não. É que eu tô caçando por aqui mesmo. Lá do Centrin pra trás. Vou pra cá, pra de trás da casa caçar. Mas eu mesmo entrar na fazenda não entro não. Logo nunca entrei não, né? É dele, né?! Na hora que ele dizer assim: 'eu não quero ninguém pra quebrar meus cocos aqui, não quero quem entra pra quebrar coco' ninguém pode dizer nada pra ele não, que é dele. Aí eu tenho medo de pegar 'mijada' (repreensão).

Não, não vou não. Eu quero ficar só pra cá mesmo, ao redor. Não vou entrar não. Tenho medo de chegar e dizer: 'Não é pra entrar, não quero que ninguém entre'. [...] As meninas entram, agora eu não entro, porque o que eu faço é ter medo do boi. Eu até das bostas eu tenho medo, avalie dos rastros. Tenho medo demais! (Juçara, 63 anos)

No relato da Dona Juçara, o medo físico é constantemente mencionado ao afirmar que evita entrar na fazenda por causa do gado. Contudo, sua fala também evidencia outro tipo de receio quando afirma que a propriedade possui um dono e que, ele não quer a presença das quebradeiras, dessa forma "ninguém pode dizer nada pra ele". Nesse sentido, o medo aparece associado não apenas aos riscos encontrados durante a coleta, mas também à possibilidade de repreensão e de restrições impostas pelo proprietário.

4.3.2 Eu tinha medo de gado, tinha não, eu tenho!

Ao ser questionada se costumava coletar coco na Fazenda Bacaba, Dona Rosa relatou que nunca entrou na propriedade. Ao explicar os motivos, destacou o

medo que sente dos bois e comentou sobre mudanças no acesso à área ao longo do tempo.

Não, nunca entrei lá dentro não. Só caço mesmo por essas palmeiras por aqui assim. A fazenda não ia. Eu tinha medo de gado, tinha não, eu tenho! Aquele 'orro' de gado, eu tenho medo demais. Só de passar nas estradas... que eu vejo. Aí pra mim entrar dentro, nam! [...] Menina, ali era liberto, aí todo mundo entrava, fazia o que queria, mas agora não é mais assim não (Rosa, 64 anos).

Nas falas de Dona Rosa, embora também destaque o medo dos animais, chama atenção para as mudanças ocorridas no acesso ao local ao declarar que anteriormente "era liberto" e que atualmente a situação não é mais a mesma. Ao recordar esse período, sua narrativa evidencia que os babaçuais eram percebidos como espaços de livre circulação, nos quais as quebradeiras podiam realizar a coleta do coco sem as restrições que passaram a existir posteriormente. A contraposição entre o passado e o presente revela que as transformações no acesso ao território também marcaram suas experiências de trabalho e a forma como se relaciona com esses espaços.

As narrativas revelam que o medo se manifesta em duas dimensões que se articulam entre si. A primeira refere-se aos riscos físicos presentes nos espaços de coleta, representados pelos bois. A segunda está relacionada às transformações no acesso aos babaçuais e às limitações impostas às quebradeiras, revelando um medo social construído a partir das relações de poder que atravessam esses territórios.

A partir dessas experiências, constata-se que o medo aparece como uma emoção que influencia diretamente as experiências de coleta do coco babaçu. Embora ambas mencionem o receio dos bois presentes na Fazenda Bacaba, as falas indicam que esse sentimento ultrapassa o medo dos animais e envolve também questões relacionadas ao acesso ao território.

Nesse sentido, os relatos dialogam com Alfredo Wagner (2019) ao afirmar que as mulheres, em seus afazeres rotineiros, tornam-se alvo de ações antagonistas que as reprimem durante suas tentativas de acesso aos babaçuais. A reflexão do autor contribui para compreender que o medo expresso pelas quebradeiras como uma experiência produzida em um contexto de disputas territoriais e restrições de acesso aos recursos utilizados em seu trabalho cotidiano.

Essas discussões resgatam as conquistas históricas das quebradeiras de coco babaçu. Assim como destacado por Silva, Napolitano e Bastos (2016), a Lei do Babaçu Livre garante às quebradeiras que utilizam o babaçu em regime de economia familiar o livre acesso aos babaçuais, inclusive aqueles localizados em propriedades privadas, além de estabelecer medidas de proteção às palmeiras e ao modo de vida dessas trabalhadoras. No entanto, os relatos apresentados demonstram que a existência da legislação não elimina completamente os obstáculos enfrentados pelas mulheres em seu cotidiano.

Mesmo diante da garantia formal de acesso, o medo continua presente em suas experiências e influencia suas escolhas sobre onde coletar o coco. Desse modo, não se apresenta apenas como uma emoção individual, mas como uma experiência produzida pelas condições concretas que atravessam a vida das quebradeiras. As cercas, a presença dos proprietários e as mudanças nas formas de acesso aos babaçuais aparecem como elementos que contribuem para a construção desse sentimento, influenciando a circulação das mulheres e suas práticas de coleta.

Conforme aponta Rezende (2010), as emoções encontram-se imersas na natureza social do ser humano, de modo que tanto indivíduos quanto coletividades constroem suas seguranças e seus temores a partir de laços e experiências sociais significativas. Nessa perspectiva, o medo pode ser compreendido como uma construção social associada à percepção de perigo e risco, os quais podem envolver tanto ameaças físicas quanto aspectos relacionados à posição social dos sujeitos. Tal compreensão contribui para interpretar os relatos das interlocutoras, uma vez que o medo manifestado por elas está relacionado simultaneamente à presença dos bois e às restrições que cercam o acesso aos babaçuais

4.4 Saudade

Nesta parte, são apresentadas cenas que expressam a saudade nas experiências das quebradeiras de coco babaçu. As observações permitem compreender como essa emoção se relaciona às vivências no trabalho, à convivência entre as mulheres e às transformações em suas rotinas.

4.4.1 *Tô sentindo falta que não tô quebrando esses dias porque tava muito aperriada [...]*

Sobre a vivência na comunidade Lagoa dos Pretos, Dona Juçara, que vive da roça e da quebra do coco babaçu, retomou a importância dessa atividade em seu cotidiano, destacando suas múltiplas formas de aproveitamento. Em seguida, sua fala passou a enfatizar o período em que não tem conseguido realizar a quebra do coco.

Quebrar coco é bom demais! Da hoje eu quebro, graças a Deus! Tô nessa idade mas ainda quebro meus coco. Tô sentindo falta que não tô quebrando esses dias porque tava muito 'aperriada' aí no inverno, aí tudo chovendo. Mas vai começar o verão e eu vou pro coco de novo. Pois é, eu vou! (Juçara, 63 anos).

Nesta cena, é possível identificar que a saudade aparece associada às experiências vividas no trabalho com o coco babaçu, especialmente nos momentos em que as mulheres não conseguem realizar a quebra. Na fala da Dona Juçara, a saudade está ligada aos períodos em que, por condições do cotidiano e do inverno chuvoso, o acesso ao babaçual se torna mais difícil, o que interrompe sua rotina de trabalho.

Nesse sentido, ao afirmar que “tô sentindo falta que não tô quebrando esses dias porque tava muito aperriada aí no inverno, aí tudo chovendo. Mas vai começar o verão e eu vou pro coco de novo”, seu relato evidencia que a saudade não se refere apenas à ausência da atividade, mas também à forma como o tempo e as condições da natureza organizam sua possibilidade de trabalho e circulação.

4.4.2 *Sinto falta demais. Saudade demais mesmo!*

Em um dos encontros realizados durante a pesquisa de campo, as mulheres estavam reunidas à sombra de uma árvore, em frente à casa de uma das quebradeiras de coco. Enquanto conversavam sobre suas trajetórias de vida, também estavam presentes crianças, filhos e maridos de algumas delas. As participantes encontravam-se distribuídas em diferentes pontos do espaço: algumas sentadas em bancos de madeira, outras apoiadas em motocicletas estacionadas nas proximidades. Dona Juçara permanecia sentada próxima a mim, enquanto as demais se organizavam em pequenos grupos ao redor da área sombreada.

Ao longo da conversa, diferentes assuntos surgiram entre as participantes. Em determinados momentos, quando o tema se afastava das experiências relacionadas ao coco babaçu, Dona Juçara procurava retomar a discussão. Batia o pé no chão, chamava a atenção das demais e fazia expressões que pareciam indicar seu desejo de retornar ao assunto que estava sendo compartilhado. Nessas ocasiões, as mulheres mais jovens geralmente interrompiam suas conversas e permaneciam em silêncio, enquanto as mais velhas retomavam relatos sobre suas trajetórias de vida e suas experiências com o trabalho nos babaçuais.

Foi nesse contexto que, ao comentar sobre a coleta do coco babaçu, a Dona Rosa compartilhou: "Ah... quando podia ir pro mato era uma benção". Posteriormente, durante a entrevista, retomou essa lembrança dos períodos em que frequentava os babaçuais e compartilhava o trabalho com outras quebradeiras.

É bom demais entrar na palestra (conversa) com as outras, conversando, trabalhando o serviço da gente lá fora é bom demais. Ficar dentro de casa, se não chegar uma pessoa pra conversar, porque o homem nem toda hora tá em casa pra conversar mais a gente. Aí a gente passa o dia todinho, dia cumprido. Fica comendo, aí vai deitar, levanta, mas eu acho o dia cumprido mais ou menos, mas na minha luta, eu não achava não, eu achava bom demais. Sinto falta demais. Saudade demais mesmo! (Rosa, 64 anos).

Na segunda cena, a saudade aparece de maneira ainda mais marcada pela dimensão coletiva do trabalho. Ao recordar os momentos de ida ao babaçual, Dona Rosa destaca a convivência com outras mulheres durante a quebra do coco. Logo que afirma que “quando podia ir para o mato era uma benção” e que sente “saudade demais mesmo”, sua fala indica que a experiência do babaçual envolvia também sociabilidade, conversa e partilha entre as quebradeiras.

Esse aspecto pode ser compreendido a partir da observação de Alfredo Wagner (2019, p.93), ao destacar que “a cooperação simples que prevalece na coleta e na quebra do coco babaçu aproxima as mulheres e concorre para agrupá-las, não havendo quem realize a extração isoladamente”. Com base nisso, a organização do trabalho no babaçu é marcada por uma prática coletiva, em que a atividade produtiva ocorre simultaneamente à convivência entre as mulheres.

A ausência do trabalho também se transforma em saudade porque não se trata apenas de uma atividade produtiva, mas de uma experiência vivida e valorizada socialmente por essas mulheres no cotidiano da quebra do coco babaçu. O trabalho no babaçual não é percebido de forma separada, mas como parte de um modo de

vida compartilhado, em que o fazer cotidiano envolve convivência, troca de experiências e construção de relações entre as quebradeiras.

Assim, quando esse trabalho é interrompido, não se perde apenas a atividade em si, mas também todo o conjunto de relações e sentidos que são produzidos nesse espaço coletivo, o que faz com que a saudade emergja como expressão dessa ausência socialmente significativa.

Esse aspecto pode ser compreendido a partir da ideia de que as emoções não são apenas individuais, mas são construídas socialmente. Considerando isso, Le Breton (2019), argumenta que para que um sentimento seja vivido e expresso ele precisa pertencer ao repertório cultural do grupo, colaborando para o entendimento que a saudade dessas mulheres não surge de forma isolada, mas a partir de uma experiência de trabalho que tem sentido coletivo e socialmente reconhecido.

Da mesma forma, Maurice (2009) destaca que, quando a emoção se expressa, ela possui uma dimensão material e é também moldada pelas relações do grupo, o que permite interpretar que a saudade aqui não é apenas uma lembrança individual, mas algo produzido na própria vivência coletiva do trabalho no babaçu.

4.5 Afetividade com as palmeiras

Esta seção apresenta relatos que evidenciam as emoções construídas na relação das quebradeiras de coco babaçu com as palmeiras. As cenas permitem compreender os significados atribuídos a elas e sua importância nas trajetórias de vida dessas mulheres.

4.5.1 Ave Maria, tirar uma palmeira dessa daí pra mim é mesmo que me matar.

Ao lembrar o Festival do Coco Babaçu realizado na cidade de Caxias – MA, a Dona Rosa comentou sobre a valorização econômica do coco babaçu atualmente. Enquanto recordava os preços de produtos derivados do coco que eram comercializados durante o evento, comparou esse cenário em que era mais jovem e trabalhava quebrando coco.

Segundo ela, naquela época o coco possuía pouco valor comercial, os comerciantes não valorizavam a produção e o trabalho das quebradeiras era

frequentemente desconsiderado. Quando refletiu sobre essas mudanças, passou a falar sobre o significado das palmeiras de babaçu em sua trajetória de vida.

E ainda tem palmeira aí que me criou, que eu acho que ainda tá viva ainda. Porque a palmeira dá muita produção, a palmeira dá muita produção. [...] é uma mãe como já dizia (Rosa, 64 anos).

É, palmeira boa é valorizada. E mesmo ruim. Mesmo o coco sendo ruim, porque não é obrigado a ser toda ela boa, né não? Não é obrigado, porque nossa família é assim, tem uma parte boa e outra ruim, né? [...] Não é obrigado o coco ser tudo bom, né não? Tem uma parte fininha, tem uma parte grossa, mas de qualquer maneira, o valor de uma é da outra, né? Porque nem tudo é igual. Mas o valor que uma tem e outra tem (Rosa, 64 anos).

Nas falas de Dona Rosa, nota-se um forte vínculo afetivo com as palmeiras, que são simbolizadas como figuras maternas. Segundo Silva, Napolitano e Bastos (2016, p. 17), "a palmeira é conhecida como a mãe das quebradeiras de coco, pois dela pode-se aproveitar praticamente tudo: frutos, folhas, estipe e raízes". Essa compreensão aproxima-se da narrativa de Dona Rosa, que se refere à palmeira como uma "mãe boa", associando-a ao sustento e aos recursos que oferece ao longo da vida. Essa relação torna-se ainda mais evidente quando menciona que algumas palmeiras que fizeram parte de sua trajetória "ainda estão vivas", sugerindo uma conexão duradoura construída ao longo do tempo.

Mesmo ao reconhecer que existem palmeiras consideradas "ruins", por terem amêndoas menores, Dona Rosa argumenta que todas possuem importância. Para explicar essa ideia, estabelece uma analogia com sua própria família, afirmando que, assim como entre as pessoas, existem diferenças entre as palmeiras, mas isso não diminui o valor de nenhuma delas. Logo, atribui características humanas à planta e constrói uma relação simbólica de parentesco com o babaçu.

Cabe destacar ainda, que a palmeira localizada em seu quintal ocupa um lugar especial em sua narrativa, "[...] eu tenho uma palmeira bem aqui... ela bota os coquinhos bem fininho os carocinhos", apesar de produzir cocos considerados finos, ela é descrita com admiração por sua constância na produção. Por isso, sua possível derrubada é comparada à própria morte: "tirar a palmeira dessa daí pra mim é mesmo que me matar". A afirmação demonstra que a perda da palmeira ultrapassa questões econômicas, envolvendo também dimensões emocionais.

Ave Maria! eu tenho uma palmeira bem aqui... ela bota os coquinhos bem fininho os carocinhos, [...] ela é tão mole de quebrar que a casca dela é fininha

quando a gente bate os caroços 'disbuía' (separa), é seis carocinho, mas é fininho meio que um palito de fosforo. Mas ela já cai largando os cocos. Ave Maria, eu imagino tanto, quando tirar essa palmeira daí, ela não falta, ela cai cacho direto. Pois é, ela cai cacho aí direto, fia. Não acaba cacho nela, não. Pois é. Ave Maria, tirar uma palmeira dessa daí pra mim é mesmo que me matar. Pra mim ela é valor demais, ela tem valor demais. É valorizada demais. É uma mãe como já diz. Mãe boa (Rosa, 64 anos).

Esse sentimento reaparece quando Dona Rosa menciona a derrubada de palmeiras por tratores. Quando aponta que a planta "não vai bronhar mais", expressa tristeza pela interrupção de um ciclo de vida que fornecia frutos, sombra e palhas para cobrir casas. Assim, a destruição das palmeiras representa não apenas a perda de um recurso material, mas também o rompimento de relações afetivas construídas ao longo de gerações.

Aí, a gente até chora, mulher, ver um negócio desse. Pudessem zelar, era melhor. Mas acabar, saber que a bichinha (a palmeira) não vai bronhar (crescer/produzir) mais, é o mesmo que matar a gente, é pior do que matar a gente. Ela não vai bronhar mais, o trator derrubando ela. Aí a gente fica sem sombra, a gente não acha uma palha pra cobrir uma casa (Rosa, 64 anos).

Nesse sentido, a palmeira é concebida como uma "mãe boa", responsável por criar, alimentar e sustentar seus filhos, tornando sua derrubada motivo de sofrimento e luto. De acordo com Breton (2019), a afetividade é tecida mediante o entrelaçamento inseparável entre o mundo e os significados construídos por cada indivíduo. As pessoas interpretam a realidade a partir daquilo que as afeta moralmente, atribuindo sentidos aos elementos presentes em suas trajetórias de vida. Nesse contexto, as palmeiras de babaçu não são percebidas apenas por suas utilidades práticas, mas também pelos significados que lhes são atribuídos pelas mulheres quebradeiras de coco.

Nessa perspectiva, a palmeira é percebida pelas quebradeiras como uma mãe, não apenas por fornecer alimento e sustento, mas por estar presente em diferentes momentos de suas vidas. Desde a infância, acompanha aprendizados, experiências e relações construídas nos babaçuais, espaços onde circulam saberes e práticas compartilhadas entre gerações. Dessa forma, a palmeira adquire significados que ultrapassam sua dimensão material, tornando-se uma referência importante nas trajetórias e experiências dessas mulheres.

4.6 Estigmatização do trabalho de quebradeira

Nesta parte do trabalho, são apresentadas cenas que abordam as experiências de estigmatização relacionadas ao trabalho das quebradeiras de coco babaçu. Os relatos permitem compreender como a desvalorização social do ofício é percebida e significada pelas interlocutoras.

4.6.1 [...] o serviço mais relaxado que tinha era o da quebradeira de coco.

Ao ser perguntada sobre aspectos que considerava importantes em sua trajetória como quebradeira de coco, Dona Rosa destacou as transformações ocorridas no reconhecimento social da atividade. Segundo ela, durante grande parte de sua vida, era difícil imaginar que o trabalho das quebradeiras pudesse ser valorizado. Em suas palavras:

Um dia elas vai ter valor, elas vai ter alguma coisas com elas. Mas eu pensava que nunca ia acontecer, mas graças a Deus! Por que era o serviço mais relaxado que tinha era o da quebradeira de coco. A quebradeira de coco era mais relaxada. Todo serviço tinha valor, mas a quebradeira de coco... 'ah, a quebradeira de coco aí não vale nada não, é relaxado'. Mas hoje a quebradeira de coco tá em cima. [...] relaxado por que a quebradeira de coco não tinha nada, 'só vivia quebrando'... no dia que não quebrava não comia, e não sei o quê... e só botava nós lá embaixo, mas hoje não. [...] Eles estão dando grande valor a nós, botando nós lá em cima (Rosa, 64 anos).

No depoimento de Dona Rosa, a atividade da quebra do coco nem sempre foi reconhecida socialmente. Em sua fala, a expressão "serviço relaxado" não aparece associada à facilidade ou à ausência de esforço físico, mas como uma forma de desqualificar a atividade e as próprias mulheres que a exerciam. Ao afirmar que "todo serviço tinha valor, mas a quebradeira de coco..." e que "só botava nós lá embaixo", é possível observar a existência de uma hierarquia simbólica entre as ocupações, na qual o trabalho das quebradeiras era frequentemente colocado em uma posição inferior.

Sua narrativa também associa essa desvalorização às condições de vida dessas mulheres, uma vez que a quebra do coco constituía uma importante estratégia de sobrevivência para muitas famílias. Essa percepção pode ser compreendida à luz das relações de gênero que historicamente marcaram a atividade. Ao longo do tempo, a quebra do coco foi desempenhada predominantemente por mulheres e, assim como

outras ocupações associadas ao universo feminino, teve seu valor social e econômico frequentemente minimizado.

De acordo com Barbosa (2018), essa atividade foi naturalizada como um espaço feminino, sendo compreendida como uma extensão dos cuidados domésticos e uma economia de subsistência, e não como uma fonte de renda. Nessa mesma perspectiva, Hirata (2016) destaca que o trabalho do cuidado é realizado "sempre em nome da natureza, do amor e do dever materno". Já Connell e Pearse (2015) argumentam que determinadas atividades são culturalmente associadas às mulheres por serem consideradas mais "cuidadoras" e "gentis". Nesse sentido, a fala de Dona Rosa revela como a desvalorização da quebra do coco está inserida em um contexto mais amplo de atribuição de menor prestígio às atividades desempenhadas por mulheres. Essa desvalorização não se restringe à dimensão econômica ou produtiva do trabalho, mas também envolve a forma como essas mulheres são percebidas e posicionadas socialmente, inclusive no campo das emoções.

Para Breton (2019), as emoções são organizadas social e culturalmente, sendo que cada sociedade define onde, quando, como e por quem os sentimentos podem ser expressos. Assim, as emoções são atravessadas por relações de gênero, podendo assumir sentidos pejorativos que contribuem para a construção de hierarquias sociais, estabelecendo, conseqüentemente, relações de poder e desigualdade.

Na mesma direção, Rezende destaca que gênero e idade são marcadores importantes na experiência emotiva, assim como as estruturas do cuidado organizam desigualdades de gênero. Para a autora, o grupo de mulheres é fortemente associado às emoções. De modo geral, a associação de pessoas como mais emotivas revela-se um elemento central das relações de poder, nas quais se justifica a subjugação de determinados grupos em virtude da atribuição de menor controle das emoções, evidenciando a dimensão micropolítica dos sentimentos (Rezende, 2010). Assim essa desvalorização não atua apenas no plano do trabalho, mas também no modo como essas mulheres são percebidas afetivamente e moralmente.

À luz da noção de comunidades emocionais proposta por Barbara Rosenwein (2011), as experiências analisadas neste capítulo indicam que as emoções vividas pelas quebradeiras de coco babaçu não pode ser entendidas como isoladas, mas como parte de um sistema compartilhado de sentimentos, valores e formas de julgamento construídos coletivamente. Nesse contexto, orgulho, cuidado,

medo e saudade, assim como as formas de afetividade com as palmeiras e as experiências de estigmatização do trabalho, aparecem nas cenas não apenas como sentimentos individuais, mas como modos de dar sentido ao trabalho coletivo.

As cenas evidenciam modos de expressão emocional que são reconhecidos, incentivados ou tensionados dentro dessas relações, o que ajuda a compreender a constituição de uma comunidade emocional entre as quebradeiras. Como observa Le Breton (2019, p. 23), “para compreender uma experiência afetiva é necessário considerar tanto os valores sociais que a moldam quanto a forma como os indivíduos interpretam as situações vividas”. Nessa direção, as emoções analisadas ao longo deste capítulo revelam-se inseparáveis das experiências cotidianas das quebradeiras de coco babaçu, sendo produzidas e significadas nas relações que estabelecem com o trabalho, com as palmeiras e entre si.

Por fim, as análises aqui desenvolvidas também dialogam com Rezende (2010) ao indicar que o estudo das emoções revela dimensões micropolíticas da vida social, evidenciando relações de poder, hierarquias e modos de pertencimento que atravessam os grupos sociais. No caso das quebradeiras de coco babaçu, isso implica olhar não apenas para o que elas sentem, mas para como esses sentimentos são produzidos, compartilhados e significados nas relações sociais que estruturam seu cotidiano.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como principal objetivo compreender o papel das emoções entre as quebradeiras de coco babaçu da comunidade Lagoa dos Pretos. Ao olhar para as emoções que atravessam suas práticas cotidianas e de trabalho, evidenciou-se que os vínculos afetivos aparecem em três dimensões: manifestam-se entre as próprias quebradeiras, na relação construída com o ofício da quebra do coco e no vínculo ancestral com as palmeiras de babaçu. Sendo assim, o babaçu emerge não apenas como recurso econômico, mas como um elemento vivo que integra as trajetórias, as memórias e a identidade dessas mulheres.

No que se refere à identificação das expressões das emoções presentes nas narrativas e vivências cotidianas das quebradeiras, observou-se que tais manifestações se evidenciam de forma recorrente no contexto da quebra do coco babaçu, que funciona como um espaço de partilha e cuidado. É na rotina do trabalho, por meio do riso, das trocas de experiências, dos desabafos sobre as preocupações, das conversas e alimentos compartilhados, que os laços afetivos são construídos e constantemente fortalecidos.

Esses momentos de descontração revelam um ambiente marcado pelo companheirismo, no qual as emoções desempenham um papel fundamental, tornando o espaço de trabalho um local de refúgio diante dos problemas e de resistência, ao possibilitar a organização de redes de ajuda mútua entre elas.

No que concerne à análise de como as emoções emergem nos relatos das participantes, demonstra-se que as categorias de orgulho, cuidado, medo e saudade, bem como a afetividade com as palmeiras e a estigmatização do trabalho, atravessam de forma significativa suas experiências diárias com a quebra do coco babaçu. Essas emoções não aparecem de forma isolada do contexto, mas relacionam-se às transformações vivenciadas no trabalho, à ancestralidade e às formas de organização coletiva.

Constata-se que o medo se manifesta diante da presença do gado e da proibição do proprietário da terra, que dificulta o acesso às áreas de coleta. O medo físico e a repressão alteram a dinâmica de uma das primeiras etapas da atividade, marcada por tensões e dificuldades. O orgulho associa-se à identidade das quebradeiras e ao reconhecimento do valor de seu trabalho, bem como à transmissão de conhecimentos entre gerações de mulheres, como uma forma de combater as

possíveis formas de desvalorização de um trabalho historicamente marginalizado por ser associado ao feminino.

O cuidado aparece nas relações entre as próprias quebradeiras, expresso na preocupação com o bem-estar coletivo, nas formas de prestar apoio por meio da escuta, brincadeiras, assistência na quebra e nos momentos de adoecimento e luto. Destaca-se ainda a afetividade com as palmeiras de babaçu, entendidas como parte da vida e da memória dessas mulheres, que desde cedo configuram a socialização e contribuem para seu sustento e para diferentes formas de uso. Em contrapartida, a estigmatização do trabalho influencia a forma como elaboram suas experiências e constroem sua identidade social, resistindo às violências, explorações e opressões.

Assim, as emoções são construídas nas relações de trabalho e de convivência, sendo possível compreender, por meio da análise, como estão presentes na forma como as quebradeiras trabalham entre si, aprendem e ensinam as novas gerações, estabelecem redes de cuidado e atribuem sentido à atividade da quebra do coco e aos elementos que a constituem.

Nesse contexto, as emoções influenciam seus modos de vida e a relação que estabelecem com o ofício, interferindo na maneira como sentem, interpretam e reagem ao contexto que compartilham. Essas experiências são construídas a partir de referências sociais marcadas pela desvalorização, por opressões e por conflitos que se intensificam por se tratarem de mulheres pobres da zona rural, impactando a forma como suas emoções são construídas e vividas, uma vez que são atravessadas pelas relações de gênero e pela divisão sexual do trabalho.

Dessa maneira, o trabalho constitui um espaço em que as emoções são produzidas, compartilhadas e interpretadas pelas mulheres. Elas são construídas na relação com um trabalho valorizado pelo grupo e influenciam a forma como as quebradeiras se relacionam entre si, com as palmeiras e com os demais elementos que envolvem a quebra do coco.

Por fim, no que se refere à influência dessas emoções nas relações sociais estabelecidas entre as mulheres da comunidade, foi possível compreender que os sentimentos vivenciados no cotidiano da quebra do coco babaçu exercem papel central na construção e manutenção dos vínculos entre as quebradeiras, em seus modos de manusear o trabalho e no enfrentamento dos obstáculos que atravessam suas identidades enquanto mulheres, quebradeiras e quilombolas.

As emoções analisadas não se limitam ao âmbito individual, mas contribuem diretamente para a forma como essas mulheres se relacionam com o território e umas com as outras. Nesse sentido, as emoções não apenas acompanham as dinâmicas sociais, mas participam ativamente da sua constituição. Dessa forma, compreende-se que as emoções operam como elemento estruturante das relações sociais entre as mulheres da comunidade, fortalecendo vínculos, identidades e formas coletivas de existência.

Dessa forma, este estudo contribui para a compreensão das emoções no contexto das quebradeiras de coco babaçu, evidenciando a centralidade do papel dos afetos na organização das práticas diárias e na luta pela continuidade de suas atividades e saberes. A pesquisa ressalta a importância de reconhecer e valorizar os modos de vida dessas mulheres, frequentemente atravessados por processos de invisibilização e estigmatização do trabalho, e suas contribuições para suas comunidades, para a natureza e para a família camponesa. Nesse sentido, reforça-se a relevância de políticas públicas voltadas à proteção dos territórios de uso comum e à preservação das práticas tradicionais associadas ao babaçu.

Como desdobramento desta pesquisa, destaca-se o interesse em investigar, em estudos futuros, os afetos nos processos de produção do azeite de coco no âmbito do trabalho com o babaçu. Busca-se compreender não apenas as técnicas e práticas envolvidas nesse processo, mas também as crenças e significados que o atravessam, aprofundando a relação entre trabalho, cultura e saberes tradicionais das quebradeiras de coco.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BARBOSA, V. O. **Na terra das palmeiras: gênero, trabalho e identidades no universo das quebradeiras de coco babaçu no Maranhão**. Jundiaí: Paco Editorial, 2018.

CONNELL, R. **Gênero e corporificação na sociedade mundial**. Revista Lusófona de Estudos Culturais, v. 3, n. 1, p. 281–287, 2015.

CONNELL, R.; PEARSE, R. **Gênero: Uma Perspectiva Global**. Tradução de Jorge Zahar. 2. ed. São Paulo: nVersos, 2015.

DIAS, M. A. M.; PEREIRA, K. A. **Mulheres, floresta e extrativismo: modos de ser, existir, educar e resistir de quebradeiras de coco babaçu da comunidade “Sítio” (Cristino Castro, Piauí/Brasil)**. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Rio Grande, v. 39, n. 1, p. 372–394, jan./abr. 2022.
Disponível: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v13i13p155-161>

FAVRET-SAADA, J. **Ser afetado**. Tradução de Paula de Siqueira Lopes. Cadernos de Campo, São Paulo, v. 13, n. 13, p. 155-161, 2005.

GEERTZ, C. **Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura**. In: GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 3-21.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HALBWACHS, M. **A Expressão das emoções e a sociedade**. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 8, n. 22, p. 201-218.

HIRATA, H. **Divisão sexual do trabalho profissional e doméstico: Brasil, França, Japão**. In: COSTA, Albertina de Oliveira; SORJ, Bila; BRUSCHINI, Cristina; HIRATA, Helena (org.). Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

HIRATA, H. **O trabalho do cuidado**. Sur – Revista Internacional de Direitos Humanos, v. 13, n. 24, p. 53–64, 2016.

KOURY, M. G. P. **Introdução à sociologia das emoções**. João Pessoa: Manufaturados, 2004.

LE BRETON, D. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções**. Petrópolis: Vozes, 2009.

LORDE, A. **Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

LORDE, A. **Não existe hierarquia de opressão**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MATOS, F.; SHIRAISHI, J.; RAMOS, V. **Acesso à terra, território e recursos naturais**: a luta das quebradeiras de coco babaçu. [São Paulo]: ActionAid Brasil, 2015. Disponível em: https://www.actionaid.org.br/documents/24/1493418575quebradeiras_actionaid_port_rev1.pdf. Acesso em: 01 jun. 2026.

MIQCB — **MOVIMENTO INTERESTADUAL DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU**. MIQCB. São Luís, [s.d.]. Disponível em: <https://miqcb.org.br>. Acesso em: 02 jun. 2026.

REZENDE, C B.; COELHO, M. C.. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

ROSENWEIN, H. B. **História das emoções**: problemas e métodos. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

SILVA, E. M. S.; NAPOLITANO, J. E.; BASTOS, S. (org.). **Pequenos projetos ecossociais de quebradeiras de coco babaçu**: reflexões e aprendizagem. Brasília, 2016.

APÊNDICES

Apêndice A - Quebradeira de coco realizando a quebra em seu quintal



Apêndice B - Demonstração da forma de derrubar os cachos de coco babaçu



Apêndice C - Registro das quebradeiras da comunidade lagoa dos pretos



Apêndice D - Roteiro de entrevista

- Quando pensa no passado, quais lembranças vêm primeiro?

Aqui você pode retomar a frase do diário de campo:

"Uma vez a senhora falou que era 'abençoado o tempo que podia ir pro mato'. Como era esse tempo?"

- Quem costumava ir com a senhora?
- O que vocês faziam durante o caminho?
- O que a senhora mais gostava naquele período?
- Do que sente mais falta hoje?
- Como a senhora se sente quando lembra desse tempo?
-

Bloco 5 – Tensões com a proibição do acesso ao babaçu

"A gente vai de teimosa, sabendo que os donos já proibiram"

- Quando a senhora sai de casa para a fazenda coletar o coco o que passa na sua cabeça?
- Já aconteceu alguma situação de perigo indo ou mesmo na fazenda? De alguém aparecer e falar alguma coisa para vocês? Como vocês reagiram?
- Como a senhora se sente quando tá pegando o coco com as outras mulheres?
- Vocês conversam ou ficam em silêncio para não chamar atenção?
- Mesmo sendo perigoso por que vocês ainda se arriscam indo para lá?

Bloco 6 – Encerramento

- Olhando para toda a sua caminhada, tem algo que a senhora gostaria de ter dito hoje e que eu não perguntei? Que mensagem final a senhora gostaria de deixar?

Roteiro de entrevista semiestruturada

Perguntas que tentem provocar histórias, lembranças e situações concretas:

1º Bloco: Apresentação

- A senhora pode se apresentar e contar um pouco da sua história? (onde a senhora nasceu e como foi crescer aqui?)
- Como é viver na comunidade Lagoa dos Pretos?
- Qual é a importância do coco babaçu na sua vida?
- Com quantos anos a senhor pegou no machado pela primeira vez? Quem lhe ensinou? Como era?
- E o que as quebradeiras de coco representa para a senhora?
- Como conheceu as outras mulheres que quebram coco com a senhora?

Bloco 2 – Relações entre as mulheres

- Como é sua convivência com as outras mulheres?
- O que a senhora mais gosta de conversar? Essas conversas durante a quebra ajuda o tempo passar?
- Já aconteceu de a senhora está triste ou preocupada e voltar melhor depois de conversas com as outras mulheres?
- Trabalhar pesado e o cansaço pode causar algum estresse, já aconteceu algum conflito ou desentendimento entre a senhora e as outras?
- Por que vocês se chamam de comadres? O que significa para senhora?

Bloco 3 – Apoio mútuo e cuidado

- Quando alguma mulher passa por uma dificuldade, o que costuma acontecer?
- A senhora já recebeu ajuda de alguma companheira? Pode me contar essa situação?
- A senhora já ajudou alguma delas?
- Houve algum momento em que a senhora precisou muito das outras mulheres?
- Existe alguma situação que mostre a união entre as mulheres?

Bloco 4 – Memórias e experiências marcantes

- Qual lembrança com as outras mulheres a senhora guardam com mais carinho?
- Existe algum momento que marcou sua vida dentro do grupo?

Apêndice E - Termo de consentimento livre e esclarecido da participante 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título da Pesquisa (provisório): Gênero e afetividade: o papel das relações afetivas entre mulheres quebradeiras de coco babaçu.

Pesquisadora: Francisca Kelle da Conceição Mendes – Graduanda em Ciências Sociais – Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Orientador(a): Prof. Me Francisco Weriquis Silva Sales

Prezada participante,

Você está sendo convidada a participar de uma pesquisa desenvolvida para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

O objetivo da pesquisa é compreender as relações afetivas e emoções compartilhadas entre mulheres quebradeiras de coco da comunidade Lagoa dos Pretos, buscando conhecer aspectos de sua trajetória de vida, sua relação com o trabalho do coco babaçu e sua participação no grupo de quebradeiras.

Sua participação consistirá na realização de uma entrevista, na qual serão feitas perguntas sobre sua história de vida, sua experiência como quebradeira de coco, sua relação com a comunidade e com as demais mulheres do grupo. Com sua autorização, a entrevista será gravada em áudio para facilitar o registro das informações e garantir maior fidelidade às suas falas.

A participação nesta pesquisa é totalmente voluntária. Você poderá recusar-se a responder qualquer pergunta ou interromper sua participação a qualquer momento, sem necessidade de justificativa e sem qualquer tipo de prejuízo.

As informações obtidas serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos, na elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso e em possíveis apresentações ou publicações científicas decorrentes da pesquisa. Para preservar sua identidade, seu nome verdadeiro não será divulgado. Será utilizado um pseudônimo (nome fictício) que garanta seu anonimato.

A pesquisa não envolve riscos físicos. Entretanto, algumas perguntas poderão trazer recordações ou emoções relacionadas às suas experiências de vida e de trabalho. Caso se sinta desconfortável em qualquer momento, você poderá solicitar a interrupção da entrevista ou deixar de responder. Não haverá qualquer pagamento

pela participação, assim como não haverá custos para você. Fica garantido o seu direito de acesso aos resultados finais desta pesquisa, caso seja do seu interesse.

Este termo será assinado (ou carimbado com o polegar) em duas vias de igual teor, ficando uma via com você e outra com a pesquisadora.

Autorização de Gravação:

(X) Sim, autorizo a gravação da minha voz em áudio para fins desta pesquisa.

() Não autorizo a gravação em áudio.

Declaro que fui informada sobre os objetivos da pesquisa, compreendi as informações apresentadas e concordo voluntariamente em participar.

Local: Comunidade Lagoa dos Pretos Data: 03/06/2006

Nome da participante: Maria do Espírito Santo da Silva

Assinatura da participante (ou impressão digital do polegar):

Assinatura da pesquisadora:

Francisca Kelle da Conceição Mendes

Contatos para dúvidas ou informações:

Pesquisadora: Francisca Kelle da Conceição Mendes

Tel: (99) 988532031

E-mail: kellemendes2000@gmail.com

Orientador(a): Prof. Me. Francisco Weriquis Silva Sales E-mail: whquis@gmail.com

Apêndice F - Termo de consentimento livre e esclarecido da participante 2

pela participação, assim como não haverá custos para você. Fica garantido o seu direito de acesso aos resultados finais desta pesquisa, caso seja do seu interesse.

Este termo será assinado (ou carimbado com o polegar) em duas vias de igual teor, ficando uma via com você e outra com a pesquisadora.

Autorização de Gravação:

- ☒ Sim, autorizo a gravação da minha voz em áudio para fins desta pesquisa.
() Não autorizo a gravação em áudio.

Declaro que fui informada sobre os objetivos da pesquisa, compreendi as informações apresentadas e concordo voluntariamente em participar.

Local: Comunidade Lagoa dos Pretos Data: 23/05/2026

Nome da participante: Benedita dos Santos Monteiro

Assinatura da participante (ou impressão digital do polegar):

X

Assinatura da pesquisadora:

Francisca Kelle da Conceição Mendes

Contatos para dúvidas ou informações:

Pesquisadora: Francisca Kelle da Conceição Mendes

Tel: (99) 988532031

E-mail: kellemendes2000@gmail.com

Orientador(a): Prof. Me. Francisco Weriquis Silva Sales E-mail: whquis@gmail.com

Apêndice G - Termo de consentimento livre e esclarecido da participante 3

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título da Pesquisa (provisório): Gênero e afetividade: o papel das relações afetivas entre mulheres quebradeiras de coco babaçu.

Pesquisadora: Francisca Kelle da Conceição Mendes – Graduada em Ciências Sociais – Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Orientador(a): Prof. Me Francisco Weriquis Silva Sales

Prezada participante,

Você está sendo convidada a participar de uma pesquisa desenvolvida para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

O objetivo da pesquisa é compreender as relações afetivas e emoções compartilhadas entre mulheres quebradeiras de coco da comunidade Lagoa dos Pretos, buscando conhecer aspectos de sua trajetória de vida, sua relação com o trabalho do coco babaçu e sua participação no grupo de quebradeiras.

Sua participação consistirá na realização de uma entrevista, na qual serão feitas perguntas sobre sua história de vida, sua experiência como quebradeira de coco, sua relação com a comunidade e com as demais mulheres do grupo. Com sua autorização, a entrevista será gravada em áudio para facilitar o registro das informações e garantir maior fidelidade às suas falas.

A participação nesta pesquisa é totalmente voluntária. Você poderá recusar-se a responder qualquer pergunta ou interromper sua participação a qualquer momento, sem necessidade de justificativa e sem qualquer tipo de prejuízo.

As informações obtidas serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos, na elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso e em possíveis apresentações ou publicações científicas decorrentes da pesquisa. Para preservar sua identidade, seu nome verdadeiro não será divulgado. Será utilizado um pseudônimo (nome fictício) que garanta seu anonimato.

A pesquisa não envolve riscos físicos. Entretanto, algumas perguntas poderão trazer recordações ou emoções relacionadas às suas experiências de vida e de trabalho. Caso se sinta desconfortável em qualquer momento, você poderá solicitar a interrupção da entrevista ou deixar de responder. Não haverá qualquer pagamento

pela participação, assim como não haverá custos para você. Fica garantido o seu direito de acesso aos resultados finais desta pesquisa, caso seja do seu interesse.

Este termo será assinado (ou carimbado com o polegar) em duas vias de igual teor, ficando uma via com você e outra com a pesquisadora.

Autorização de Gravação:

(X) Sim, autorizo a gravação da minha voz em áudio para fins desta pesquisa.

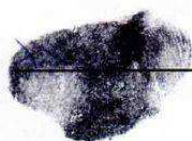
() Não autorizo a gravação em áudio.

Declaro que fui informada sobre os objetivos da pesquisa, compreendi as informações apresentadas e concordo voluntariamente em participar.

Local: Comunidade Lagoa dos Pretos Data: 03/06/2006

Nome da participante: Maria do Espírito Santo da Silva

Assinatura da participante (ou impressão digital do polegar):



Assinatura da pesquisadora:

Francisca Kelle da Conceição Mendes

Contatos para dúvidas ou informações:

Pesquisadora: Francisca Kelle da Conceição Mendes

Tel: (99) 988532031

E-mail: kellemendes2000@gmail.com

Orientador(a): Prof. Me. Francisco Weriquis Silva Sales E-mail: whquis@gmail.com